



**seu erro nos colocou na vida terrena,  
atrasando nossa evolução.**

**RENE REZENDE DE  
CAMPOS**

# UZU

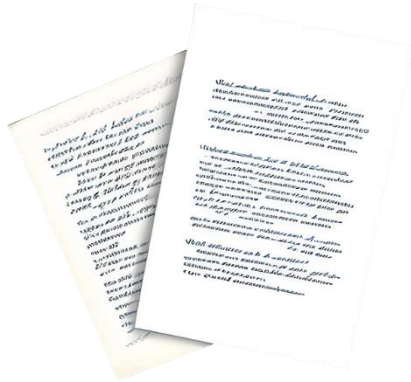
*Uma nova versão da vida*

Rene Rezende de  
Campos

# Sumário

Capítulo 1 O Contrato.....	4
Capítulo 2 O Retorno .....	13
Capítulo 3 O Encontro.....	24
Capítulo 4 O Erro.....	34
Capítulo 5 O Julgamento.....	44
Capítulo 6 O Corpo.....	52
Capítulo 7 A Busca.....	62
Capítulo 8 Contato .....	77
Capítulo 9 O Sábio.....	89
Capítulo 10 O 4º Leal.....	101
Capítulo 11 Os Maias.....	113
Capítulo 12 Da Vinci .....	123
Capítulo 13 A Maçã .....	137
Capítulo 14 A Mensagem .....	148
Capítulo Final RUMS .....	159

# Capítulo 1



# O CONTRATO

Ernest Bongliet, um senhor de 65 anos, pede ao motorista que pare o carro. O motorista encosta e Ernest fica parado olhando para a imensa mansão a frente.

– É aqui, senhor?

– Sim. É aqui. Aguarde-me. Devo demorar um pouco. Faça um lanche enquanto isso.

Disse Ernest descendo do carro. Caminhou a passos firmes e parou em frente ao portão. Tocou a campainha e aguardou.

– O que deseja?

Perguntou uma voz ao interfone.

– Essa é a residência do senhor Hoggins?

– Sim. O que deseja?

– Preciso falar com o senhor Hoggins.

– O senhor Hoggins não se encontra. Gostaria de deixar um recado ou contato?

– Só um cartão. Poderia por gentileza apanhá-lo aqui?

– Só um momento.

Depois de algum tempo, uma porta lateral da casa se abriu e uma jovem veio em direção ao portão. Ernest sacou um cartão do paletó e estendeu à jovem.

– Por favor, entregue ao senhor Hoggins. Eu aguardo aqui.

– O senhor Hoggins não se encontra, senhor. Eu entregarei quando ele...

– Por favor, minha jovem. Hoje é domingo. Sei que ele sempre está em casa aos domingos. Não vim de Londres apenas para entregar um cartão e retornar. Vi a senhora Hoggins agora a pouco passando pela janela. Apenas entregue o cartão. Estarei esperando.

A serviçal pegou o cartão meio sem jeito. Olhou novamente para Ernest. Ele fez um sinal positivo com a cabeça. Ela virou-se e retornou à casa.

Minutos depois um homem saiu pela porta com o cartão na mão. Olhou para Ernest. Retornou à casa e segundos depois o portão se abriu. Ernest entrou. Caminhou até a porta principal. Hoggins o esperava na entrada da sala. Estendeu a mão e o cumprimentou.

– Senhor Ernest. Que surpresa. Lembra-se de Susan?

Disse apontando para a mulher bonita, aparentando uns 35 anos, que estava de pé no centro da sala. Ernest caminhou até ela, que também veio ao seu encontro. Apertaram-se as mãos.

– Como vai Susan? Prazer revê-la.

– Como vai senhor Ernest? Por favor, vamos nos sentar.

Sentaram-se e Ernest iniciou a conversa.

– Imagino que devem estar surpresos com a minha visita.

– Na verdade, sim. Creio que já foi esclarecido tudo o que aconteceu. Enviamos toda a documentação ao seu escritório há nove anos.

Justificou Hoggins.

– Recebemos a papelada. Uma certidão de nascimento, algumas fotos do bebê, uma certidão de óbito, um laudo médico com o diagnóstico do óbito e a foto da sepultura. Recebemos, investigamos e constatamos a veracidade desses fatos.

– Então? Está tudo certo. Infelizmente não saiu como planejado. Não é fácil passar pelo sofrimento de perder um filho com 3 meses de vida. Fizemos de tudo para salvá-lo. Não havia o que fazer.

– Sabemos disso também, senhor Hoggins. Do sofrimento de vocês, de tudo que passaram. Estávamos acompanhando.

– Então, o que quer? Cumprimos nossa parte no contrato. Ele está encerrado.

– Essa é a questão, senhor Hoggins. Alguns fatos que tomamos conhecimento nos deixaram em dúvidas se o contrato realmente está cumprido.

– O quê? Que fatos são estes? Do que está falando?

Perguntou assustada Susan.

– Estou falando do outro filho. Igor. Não é esse o nome dele?

– O que tem Igor com isso? Igor não. O contrato dizia o primeiro filho. Igor não está nesse contrato.

Esbravejou Hoggins.

– Por favor, senhor Hoggins. Peço que se acalme.

– Não vou me acalmar, senhor Ernest. O senhor não tem esse direito. Vir à minha casa e falar de Igor. Igor nasceu dois anos depois. Não tem nada a ver com aquele maldito contrato.

Gritou Hoggins.



– Senhor Hoggins, por favor. Acalme-se. Quero somente tirar uma dúvida, mais nada.

– O que Igor tem a ver com isso? Seja mais claro.

– Igor já está com sete anos, não é verdade?

– Sim. Mas não se atreva a incluí-lo em nosso trato. Ele não tem nada a ver com o que foi combinado.

– Soubemos que Igor, a dez dias atrás, quando fez 7 anos, teve convulsões e desmaiou. Foi internado. Ficou 2 dias desacordado e depois voltou ao normal. Os médicos não descobriram nada. Confirma isso, senhor Hoggins?

– Aonde quer chegar? Não vou falar de Igor com você. Igor é nosso filho. E não de vocês.

– Essa é a questão senhor Hoggins. Pagamos 10 Milhões de dólares por alguém que esperávamos e perdemos. Nos conformamos com a perda do bebê. Até que essa notícia sobre o desmaio por dois dias nos fez pensar em uma possibilidade. Ele pode ter retornado em Igor. Os dois dias desacordado pode ter sido “o despertar” dele.

– O quê? Do que está falando?

Perguntou assustada Susan. Hoggins interveio imediatamente.

– Por favor, retire-se de minha casa.

Hoggins levantou-se apontando a porta da casa para Ernest.

– Não aja assim. Estou aqui apenas para tentar esclarecer algumas coisas.

– Não há mais nada para ser esclarecido, senhor. Por favor, retire-se de minha casa. O senhor não é mais bem vindo aqui.

Ernest levantou-se e começou a caminhar para a porta. Parou no meio do caminho e voltou-se para Susan.

– Se for quem esperamos, Igor começará a lembrar de outras vidas e demonstrará uma inteligência fora do comum.

– Sei aonde quer chegar Ernest. Mas não vai conseguir com esse argumento ridículo. Se for preciso, vamos à justiça. Igor não faz parte do contrato.

– Quer mesmo levar o contrato à Justiça, senhor Hoggins? Como vamos explicar que nosso escritório propôs e vocês aceitaram receber 10 milhões de dólares para batizar seu primeiro filho como Isaac e depois de 7 anos, entrega-lo ao escritório, para que cuidássemos de sua educação. A fortuna de vocês foi feita com esse dinheiro. Vocês me venderam uma criança, em contrato.

Esqueça a Justiça. Acabaríamos presos. Portanto, deixemos de hipocrisia e vamos aos fatos. Preciso ver o menino. Ver se ele me reconhece.

– Você jamais vai vê-lo. Não vou deixar. Já cumprimos nossa parte. Batizamos nosso primeiro filho com o nome que você pediu. Isaac. Não temos culpa nenhuma se o menino morreu. Cumprimos o contrato. Não devemos mais nada a você. Agora, por favor, saia ou chamo a polícia.

– Vocês não fazem idéia da importância desse encontro. Vocês sabem que não conseguirão esconder esse menino eternamente. E se for ele mesmo, se lembrará de tudo e ele mesmo me procurará. É só uma questão de tempo para que nos encontremos. Mas prefiro fazer isso em uma condição mais amistosa entre nós.

– Igor ainda está se recuperando. E ele não estava no contrato. Ele não irá com você. Desista disso. Saia por favor.

– Hoggins. Desculpe-me mas preciso insistir. Deixe que ele me veja. Se ele me reconhecer então você permitirá que eu converse com ele.

– Sem mais palavras. Saia por favor.

– Está bem. Mas pergunte a ele se me conhece.

– Não volte ou chamarei a polícia para tirá-lo daqui.

– Passar bem senhora. Senhor Hoggins.

Disse Ernest se despedindo e caminhando para o portão.

Susan e Hoggins ficam se olhando. Ela começa a chorar. Ele a consola.

– Não se preocupe Susan. Igor não irá com ele. Eu prometo. Não falaremos nada com Igor.

## Capítulo 2



# O RETORNO

23 dias depois, um carro pára em frente ao portão da mansão dos Hoggins. O motorista desce e fala ao interfone.

– Bom dia. O bispo Damarre da Arquidiocese de Luxemburgo gostaria de falar com a senhora Susan Hoggins.

Rud, um dos vigilantes que Hoggins havia providenciado depois da visita de Ernest foi até o portão para verificar o inesperado visitante. Abriu o portão e se dirigiu ao carro. O vidro traseiro abaixou e o Bispo no banco traseiro se aproximou da janela. Rud então indagou.

– Pois não, senhor.

– Meu filho, preciso falar com certa urgência com a senhora Hoggins.

– Pode me dizer do que se trata, Bispo?

– Sinto muito. O assunto é de interesse somente da senhora Hoggins. Mas não se trata de pedidos de doações nem nada do tipo.

– Aguarde um instante. Vou verificar se ela poderá recebe-lo.

Rud saiu sem perceber uma Van estacionada do outro lado da rua, cujo motorista observava todo o movimento no portão. Momentos depois, o vigilante retorna.

– A senhora vai recebe-lo.

Voltou e entrou na cabine de segurança e abriu o portão. A Van, que estava com o motor ligado, acelerou e entrou rapidamente na frente do carro do bispo. Rud saiu correndo atrás, porém a van já estava parando em frente a porta da casa e oito pessoas saíram apressadamente do veículo, ficando lado a lado em frente a porta principal. O vigilante chegou apressado com arma em punho apontando para todos.

– Saíam todos imediatamente ou vou atirar em alguém.

Susan apareceu na porta.

– O que está acontecendo?

Perguntou espantada olhando para aquelas pessoas. Nisso o carro do bispo estacionou logo atrás da Van. O bispo saiu do veículo e pediu em voz alta para o vigilante.

– Por favor, acalme-se. Eles são meus convidados.

Nesse momento Enerst saiu da van e Susan ficou ainda mais surpresa.

– Rud. Abaixei a arma. Está tudo bem. Conheço alguém aqui. Avise meu marido que o senhor Ernest voltou com uma comitiva.

Disse Susan ao vigilante, que meio receoso foi baixando a arma lentamente. Sacou seu celular e ligou para Hoggins. Susan se aproximou de Ernest.

– O que significa isso, senhor Ernest? O senhor novamente aqui? E quem são essas pessoas?

Questionou Susan.

– Cada uma dessas pessoas, veio de um país diferente. Vou apresentá-los – disse Ernest apontando para o bispo. – O Bispo Vicent Damorre, de Luxemburgo. Esta é Ângela Schineer, veio da Bélgica, é arqueóloga. Aqui o professor de história, Lucius Papapoulos, da Grécia. Ramires Prado, artista plástico na Argentina. Maritsa Belmont, física espanhola. Margareth Miller, jornalista americana. Alexei Yanov, médico na Rússia e por último, Willian Pope, palestrante australiano.

– Não me explicou o que todas essas pessoas estão fazendo aqui.



– Todos vieram de seus países para esse encontro. Aqui está a lista com os nomes de cada um e seu país de origem, por favor.

Disse Ernest lhe estendendo um papel.

– Quer me dizer de uma vez por todas o que está acontecendo?

– Todos vieram ver Igor.

– Ah! não! Essa história de novo não! Já discutimos isso senhor Ernest e creio que meu marido foi bem claro. Saiam de minha casa agora ou chamarei a polícia. Ameaçou Susan.

– Não diremos um única palavra, senhora. Só queremos que o menino nos veja.

Disse o Bispo.

– Eu não acredito nisso. Louise, tranque a casa. Não deixe Igor sair de maneira nenhuma. Ninguém irá ver meu filho. Saiam daqui agora.

– Senhora. Ele poderá nos reconhecer. Se ele não reconhecer nenhum de nós, iremos embora.

– Vocês vão embora agora.

Disse olhando para o portão por onde entravam 2 carros de polícia. Logo atrás o carro de Hoggins. Os policiais saíram do carro com as mãos sobre as armas, sem sacá-las.

– O que está acontecendo aqui? Fomos informados de uma invasão.

Disse em voz alta o sargento da guarnição policial.

– É uma invasão. Essas pessoas estão invadindo minha casa.

Queixou-se Hoggins ao policial. O Bispo deu um passo à frente.

– Não é uma invasão. Viemos nos encontrar com Igor. O filho deles.

– Meu filho nem os conhece. Não os convidou. Isso é um absurdo. Tire essas pessoas daqui.

Gritou Hoggins. O Policial analisou bem a situação e então pediu:

– Bem pessoal, vamos andando. Todos para de volta para a Van. Saiam. Vamos escolta-los até a delegacia. Lá prestarão esclarecimentos.

– Ernest! Ernest! É você?

Todos pararam e olharam para a janela, de onde um menino gritava para Ernest, que lhe abanou a mão. Hoggins olhou para Susan. Não sabia o que fazer.

– Esperem. Esperem.

Pediu Susan ao policial. Olhou desesperada para Hoggins. Ele interveio.

– Pelo jeito, meu filho nos pregou uma peça. Peço desculpas pelo inconveniente sargento. Resolveremos essa situação nós mesmos.

O policial olhou para todos e meio inconformado advertiu Hoggins:

– Sabe que cometeu uma inflação acionando a polícia sem necessidade, senhor Hoggins?

– Eu sei, Sargento. Peço mil desculpas. Pelo jeito meu filho conhece essas pessoas e as convidou. Não sabíamos disso.

– Um corretivo no garoto ajudaria a não repetir isso novamente.

Falou o Sargento com cara de reprovação. Gritou para os dois guardas.

-Vamos embora pessoal. Alarme falso.

Disse num tom de desagrado voltando ao carro. A polícia saiu. Hoggins foi até Ernest.

– Não sei o que está acontecendo aqui. Não sei como ele soube do seu nome. Mas seja o que for que estiver aprontando, Igor não irá com vocês.

– Queremos apenas que o garoto nos veja. Ninguém falará uma palavra sequer com ele. Susan está com uma lista dos nomes de cada um aqui. Se ele nos reconhecer, explicarei tudo para vocês.

Disse Ernest para o casal. Hoggins caminhou lentamente até a porta de entrada e a abriu. Igor estava esperando. Ele tomou sua mão e se agachou para conversar com ele.

– Meu filho. Quero que você olhe para essas pessoas e veja se as conhece e se sabe seus nomes. Pode fazer isso, campeão?

– Sim, papai. Ernest eu conheço.

– Como? Como conhece esse senhor? Quando o conheceu?

– É uma longa história, papai. Vamos ver os outros.

Hoggins estranhou as palavras de Igor e seguiu sendo puxado pelo menino até onde estavam as 9 pessoas perfiladas. Igor parou e

olhou para o rosto de cada uma delas. Sorrindo. Olhou novamente.

– Você não conhece ninguém, não é meu filho?

Suplicou perguntando Susan. Então Igor aproximou do primeiro da fila e abriu os braços para o religioso, que o abraçou.

– Meu amigo, Damorre. Como está? E sua perna? Melhorou?

– Está melhorando. Mas a idade não ajuda.

Hoggins e Susan assistiam aquele diálogo com desespero.

– Ângela! Como vai? Muito frio na Bélgica?

– Lá sempre é frio. Eu estou bem.

– Ela é arqueóloga. E das boas.

Disse Igor para seus pais. E continuou apresentando o próximo da fila.

– Esse é Ramires, um excelente artista plástico. Famoso na Argentina. Como está meu amigo? Muitas obras?

– Algumas novas.

– Professor Lucius, Maritsa, Miller, Aschel e Alexei.

Como estão meus amigos?

– Você conhece todos eles?

Questionou um assustado Hoggins

– Todos eles. Menos esse aqui. Não me lembro dele.

Todos ficaram espantados pelo menino não reconhecer o último.

Igor continuou:

– A não ser que Willian Pope tenha pintado o cabelo.

Ficou horrível.

Ele disse sorrindo e abraçando o palestrante. Foi em direção à Ernest, abraçando-o e falou:

– Meu grande amigo. Obrigado por me encontrar.

– Eu sabia que você voltaria, UZU.

Susan estava estarrecida, abraçou Igor desesperada

– Ele não é UZU. É Igor. O nome dele é Igor.

Falou mais alto já antevendo o que viria a seguir.

– Eu sou os dois, mamãe. Sou UZU e também Igor, seu filho.

– Mas, quem é UZU?

– UZU sou eu. Um espírito que errou. E o meu erro foi tão grave que modificou o caminho natural de evolução dos seres. Estou cumprindo minha punição.

## Capítulo 3



# O ENCONTRO



Igor chamou a atenção de todos e pediu que entrassem e se acomodassem na sala principal. Entraram todos e sentaram-se, formando um semicírculo. Todos olhavam e aguardavam o menino falar alguma coisa. Ele se posicionou ao centro de todos.

– Finalmente! Os 10 Leais juntos! Conseguimos nos encontrar depois de milhares e milhares de anos de procura.

E em um movimento calmo, Igor ajoelhou-se diante daquelas 10 pessoas. Ergueu as mãos espalmadas e falou com a voz alta e pausada:

– Peço perdão a todos vocês. Perdão por tê-los enganado e induzido a cometerem o mesmo erro que eu cometi. Peço perdão pelas punições que passaram, pelo meu erro. Peço perdão por ter atrasado suas evoluções e lhes imputado responsabilidades que não eram suas. Preciso do perdão de cada um de vocês

Igor então se dirigiu ao primeiro da fila

– Perdão! HAEEL

– Eu o perdôo, UZU.

Igor deu um passo e parou em frente ao segundo

– Perdão! BEND

– Eu o perdôo, UZU.

Igor seguiu toda a fila com o pedido.

– Perdão! Hohoo  
– Eu o perdôo, UZU.

– Perdão! LUST  
– Eu o perdôo, UZU.

– Perdão! CAAB  
– Eu o perdôo, UZU.

– Perdão! GIEL  
– Eu o perdôo, UZU.

– Perdão! RUMS  
– Eu o perdôo, UZU.

– Perdão! GERROL  
– Eu o perdôo, UZU.

– Perdão! CAPUD.  
– Eu o perdôo, UZU.

– Perdão! MARELL  
– Eu o perdôo, UZU.

E em um gesto ensaiado, os 10 ergueram as mãos para Igor e pronunciaram em voz alta e uníssona:

" UZU ESTÁ PERDOADO! "

" ACABOU A PUNIÇÃO! "

" UZU ESTÁ PERDOADO! "

Igor Começou a chorar. Todos vieram ao seu encontro e o abraçaram. Todos Choravam. Susan e Hoggins assistiam aquilo assustados. Não sabiam o que perguntar.

Suzan falou em um tom amedrontado:

– Igor.... Ou Uzu..., já não sei mais... Meu filho! O que significa isso? Estamos aterrorizados.

Hoggins se colocou também:

– Pode nos explicar o que está acontecendo aqui? Esse encontro. Esse ritual de perdão. Esses nomes estranhos. O que significa tudo isso?

Igor, com olhar compreensivo falou calmamente:

– Sei que não estão entendendo nada ainda, mas garanto que tudo será esclarecido. Tudo ficará claro para vocês. Por favor, tenham paciência.

Igor virou-se para todos. Levantou os braços pedindo silêncio:

– Meus Leais. Finalmente conseguimos o encontro e o perdão. Mas nossa punição não acabou. Estamos autorizados a voltar à evolução natural, no próximo desligamento. Mas nosso retorno à evolução natural está condicionado a continuar ajudando os que ficaram no plano terreno. Que a cada 100 anos, dois de vocês reencarnarão para ajudá-los na evolução. Deveremos ainda manter a ligação. Que teremos responsabilidades sobre eles e que iríamos intuí-los até conseguirem voltar para casa. Até suas auras ficarem azuis. Eu reencarnarei a cada 1000 anos mas estarei intuindo os escolhidos. Estão cientes disso?

Os 10 responderam quase que ao mesmo tempo:

– Sim.

– Agora, devo explicar tudo o que aconteceu para Susan e Hoggins. Meus pais.

Igor voltou seu olhar para os pais.

– Sem vocês, não teria conseguido voltar. Minha gratidão à vocês será eterna. Espero que conhecer toda a verdade que vou contar aqui possa lhes trazer a compreensão dessa vida terrena, como evoluir e como voltar para nosso plano de evolução original. Antes porém, preciso explicar porque nasci Igor.

Igor aproximou-se dos pais e com um tom sereno explicou:

– Há 10 anos atrás, eu era Joshep Standfert. Tinha 60 anos de vida e morava em Londres. Capud, ou Maritsa, havia conseguido encontrar a última pessoa que faltava para esse encontro acontecer. Foi na Grécia: Rums, o 10º Leal. Estive com Rums. Conseguimos avisar a todos. Marcamos a data do Encontro. Estávamos todos felizes. Finalmente iria acontecer o encontro em Roma e o pedido de perdão. Peguei um voo até Nápoles. Aluguei um carro e me dirigi à Roma para o encontro. Estraguei tudo. Sofri um grave acidente de carro. E foi fatal. Precisava retornar rapidamente. Não podia perder tempo. Haeel então procurou vocês. A gravidez deveria ser rápida. Transferiu para vocês a fortuna que guardamos, para garantir minha chegada e minha vida até os 7 anos. Tudo estava planejado. Eu nasci Isaac, mas infelizmente, o corpo não estava perfeito e novamente fui impedido. Eu confiava que Haeel sabia que eu faria uma segunda tentativa, na mesma família.

Haeel se levantou e fez um gesto com a mão pedindo para explicar:

– Quando soubemos que Susan estava grávida, de um menino, dois anos após a morte de Isaac, vislumbrei uma oportunidade que Uzu iria aproveitar. Havíamos combinado isso

com todos. Há umas 150 vidas atrás, Uzu determinou uma regra: Caso desse errado o nascimento combinado, o retorno seria sempre tentado na mesma família escolhida, por até 3 anos. Se a mãe não engravidasse até 3 anos depois, deveria ser encontrada uma família parente.

Hohoo também se levantou e complementou:

– Aconteceu uma vez isso, comigo. Um aborto acidental. Minha futura mãe não podia mais engravidar depois do acidente em que me perdeu. Fui nascer na prima da minha ex-mãe, 3 anos depois. Mas deu certo. Uzu logo me encontrou quando fiz 7 anos. Estava esperançosa de que ele voltaria, em Igor.

Hoggins levantou a mão interrompendo Hohoo.

– Espere, Espere. O tempo está confuso. Quando você fez 7 anos, Uzu a encontrou? Uzu tinha quantos anos?

– Naquela vida, quando me encontrou, estava com 68 anos. Depois que ele faleceu, aos 82, eu estava com 21 anos. Era a nossa vez de nos prepararmos para encontra-lo depois de nove anos.

Hael tomou a palavra:

– E assim foi durante todas as nossas muitas e muitas vidas. Uma procura eterna para encontrar os 10 Leais. Sempre nos encontramos com UZU em todas as vidas. E então escolhíamos onde iríamos procurar Leais pelo mundo. E em cada encontro, combinávamos como voltaríamos na próxima vida. E onde cada um iria procurar o próximo. Escolhíamos as famílias onde nasceríamos para que a procura ficasse mais fácil. Nós sempre nos procuramos, garantindo nos encontrar em todas as vidas, para que ninguém se perdesse, até reunirmos todos e realizarmos esse encontro do perdão e encerrar a punição que todos nós estávamos sofrendo e podermos voltar ao nosso Plano Original de Evolução.

Igor retomou a palavra:

– Antes de morrer como Joshef, Capud me falou que estava doente. Ela tem uma doença rara. Pode morrer a qualquer hora. Por isso, a pressa desse encontro, graças a Haeel. Depois que não consegui sobreviver como Isaac para o encontro, tomei uma decisão. Fui conversar com os Senhores da Luz antes de nascer Igor. Todas as dificuldades recentes, acidente, doença, corpo mal formado, justamente quando encontramos o último Leal. Isso estava prorrogando nossa punição. Os Luzados me receberam no plano intermediário.

– **O que quer falar, UZU?**

– Uzu quer saber se está havendo interferência em sua punição.

**– Por quê UZU quer saber isso?**

– Quando conseguimos encontrar o último Leal, morri em um acidente, antes do Encontro. Perdi a chance. Com isso, nossa punição aumentou para mais nove anos de espera. Nasci Isaac e um corpo mal formado, me impediu de novo. Mais 9 anos. E agora um dos Leais está com uma doença terminal, o que também poderá ser um novo adiamento do Encontro. Coincidências? ou Interferências? Essa resposta que UZU veio buscar

**– Não houve coincidências. Não houve interferências. O que ocorreu foram consequências. Essa é a resposta para UZU.**

– Uzu não compreende essas consequências

**– O acidente foi consequência da pressa de Uzu. O corpo mal formado, foi consequência da compra do corpo. Nenhum ser tem direito a isso. O Universo reagiu a esse ato. E a doença de um dos Leais é consequência da vida terrena. Siga em frente Uzu. Essa punição está prestes a acabar.**

Igor voltou a falar para todos:



– Se eram consequências, ou não, precisaria tomar mais cuidado. Retornar em Igor era urgente. Corria contra o tempo. Se Capud não sobrevivesse, tudo teria sido em vão. Perderíamos mais 9 anos até o retorno de Capud e se todos aguentassem até lá. Felizmente deu tudo certo. E Haeel trouxe todos os Leais para esse encontro aqui para não perdermos mais tempo. Compreendem agora tudo o que aconteceu?

Suzan olhou para Hoggins e balançou negativamente e cabeça.

Ela olhou para todos:

– Essa busca, esse encontro, essa punição tão descabida... não compreendo. Que crime você cometeu, Igor? Que crime todos cometeram?

Igor fez um gesto com a mão pedindo calma.

– Para entenderem tudo que se passou, temos que voltar ao tempo e a outro Universo. Quando buscávamos a Fonte de Luz.

## Capítulo 4



## O ERRO

Igor começou sua explicação:

– Somos seres espirituais buscando nossa evolução. Seguíamos uma corrente de evolução natural, sob o comando dos Luzados, que habitam um plano superior ao nosso. Eles são os responsáveis por nossa evolução. Os Luzados possuem o poder da criação de mundos materiais para que os seres espirituais passem por seus 3 planos de evolução: Ar, Água e Terra. As passagens pelos planos aéreo, aquático e terreno são para sintonizarmos com cada ser vivo desses planos e sentirmos a natureza criada em sua forma mais sutil. A VIDA presente em tudo. Nossa sintonia com os seres vivos é feita através das Auras. Envolvermos nossas auras com as auras dos seres vivos e sentimos a vida daquele ser. Toda vida, possui Aura e pode ser sintonizada e sentida, para conhecer reações, instintos e sentimentos. Absorvendo, aprendendo e evoluindo.

Nasce o Espírito pela fonte. E começa sua jornada. É considerado um espírito inferior. Inicia seu aprendizado e amadurecimento no ciclo terreno. Não possui inteligência, só instintos. Passa por vários tipos de vida nos três planos até sua aura atingir uma coloração azul. Quando pronto, inicia-se a fase de Espírito superior que contém oito graus. No 1º grau, você toma consciência de você, seu som original e seu propósito e segue os

mais evoluídos aprendendo sobre você e suas capacidades e o caminho da evolução.

No 2º grau toma contato com outros espíritos de 3º grau e trocam impressões e aprendizados do plano espiritual e do mundo material.

Chega ao 3º grau quando já conhece todo o funcionamento do mundo material e espiritual e ensina os de 2º grau.

No 4º grau irá começar a fazer as sintonias das auras com cada vida existente no plano terreno. Começa pelos seres que frequentam o plano aéreo como aves e insetos. Todos são sintonizados e absorvidas amostras de suas vidas e de seus corpos e como se movem.

No 5º grau, irá absorver amostras de vida no mundo aquático, seus corpos e locomoções.

No 6º grau irá atuar no plano material.

No plano material, quando chegar à metade de experimentações de vidas terrenas existentes, desde as microscópicas como vírus aos maiores animais como uma baleia. Após isso, você é elevado ao 7º grau e começa com os animais de superfície.

Quando concluir todos os tipos de vida no plano terreno você chega ao 8º grau, ou seja, já passou por todas os tipos de vida do

planeta. Esse conhecimento o habilita a criar corpos e mundos materiais.

No 8º grau você é transferido de plano de evolução e entra no “Caminho dos LUZADOS”. E começam a seguir a corrente de evolução natural dos Luzados. Até completar o ciclo e se tornar um Luzado, criando mundos, planos e corpos para evoluir os novos seres espirituais que vem da Fonte de Luz. Depois os Luzados chegam ao último plano onde aprendem a criar espíritos. São os Iluminados. Eles aprendem a criação de novos seres, de novos espíritos e depois disso, chegam à fonte de Luz, criando novos seres. Esse é o caminho. Evoluir de plano em plano até chegarmos à Fonte Criadora. Era assim que tudo funcionava. Até eu cometer um grande erro e modificar tudo.

Minha passagem pelos planos aéreo e aquático foi muito tranquila. Conheci cada tipo de vida que há nesses planos. Aprendi com todos. Desde micro fungos à Golfinhos. Quando entrei para o plano terreno, já no 7º grau, fiquei fascinado com os seres que aqui existiam. Eram muitos tipos de vidas para aprender em vegetais e animais. Os avisos dos Luzados a todos que iam sintonizar na vida terrena haviam sido muito claros.

**“Podem apenas sentir utilizando suas Auras”**

**“Não devem interagir com a matéria.”**

**“Não devem interagir com qualquer ser vivo.”**

**“Sintonizem. Sintam. Observem. Aprendam.”**

Mas me empolguei demais. Observei demais. E aprendi demais.

Cheguei ao 8º grau. Concluí minha jornada mas permaneci no plano terreno observando mais detalhes da vida terrena. Então tudo começou com minhas observações de como os seres do plano terreno se multiplicavam, se reproduziam. Descobri que no momento da fecundação, de qualquer ser terreno vivo, abre-se uma entrada de luz no corpo do ser fecundado para que o espírito daquele novo ser entre no corpo e comece a fazer parte da nova vida que irá nascer. O Espírito se aproxima do corpo fecundado e aguarda a luz. Quando surge, a luz puxa o espírito para dentro do corpo. Após a entrada do espírito, a luz se apaga. Aquele novo ser nascia, crescia, reproduzia e depois morria. Depois da morte do corpo do ser, o espírito saía e retornava ao plano terreno. Pronto para novamente reiniciar o ciclo e seguir sua evolução. E após entender isso, questionamentos estranhos começaram a surgir.

— *E se eu entrasse em um embrião?*

— *Conseguiria mergulhar na luz de entrada?*

— *Que sensações eu experimentaria como um ser terreno?*

E com isso, crescia em mim um grande dilema. Eu queria experimentar. Mas sabia que se tratava de uma quebra de regra dos Luzados:

**“Não interagir com a matéria”.**

Esses questionamentos me acompanharam por muito tempo. Até que então decidi. Utilizei a principal Lei Natural dos Espíritos: **O Livre Arbítrio**. As consequências seriam somente minhas. Decidi experimentar.

Me aproximei de um casal de símios em acasalamento e fiquei aguardando. O Espírito original do símio que iria nascer também se aproximou do casal e ficou aguardando. Eu precisava ser mais rápido que ele e entrar primeiro. Quando ocorreu a fecundação, me posicionei na frente do Espírito Símio. E quando a luz surgiu, fui puxado violentamente para dentro, para o embrião que estava se formando. No primeiro momento senti um choque violento. Depois uma variedade grande de sensações novas me fizeram sentir como matéria viva. Sentindo a vida terrena em sua plenitude. A multiplicação das células, o crescimento, a formação de órgãos do corpo físico. Depois veio o nascimento. Então as

sensações se tornaram mais intensas. Visão, tato, olfato, audição, paladar, o crescimento, a fome, a sede, a luta por sobrevivência, a reprodução, o frio, o calor, o cansaço. Fiquei dentro do corpo daquele ser. Cresci com o corpo dele. Eu vivia aquele símio. Sentia seus instintos apurados e sua inteligência. Podia sentir tudo de uma maneira diferente e intensa. Comecei a interferir no comando do símio, em sua vontade e o fiz experimentar novas sensações. Eu sentia tudo que ele sentia. Eu o controlava. Eu era ele. Após a morte do símio e meu desligamento daquele corpo, voltei ao Plano Natural. Estava extasiado com tudo que havia ocorrido. A princípio não contei para nenhum outro espírito a experiência que tive. Aquilo estava além de uma interação com a matéria. Aquilo era uma nova maneira de sentir. De evoluir. Era uma alternativa de caminho na Evolução. Acreditei nisso e não resisti por muito tempo e contei à Haeel.

— UZU errou. UZU Interagiu com a matéria.

— Uzu usou seu livre arbítrio. Apreendi muito mais assim do que utilizando as Auras. As sensações são outras. Muito mais intensas. Sentir a matéria acelerará nossa evolução.

— Mas os Luzados foram claros quanto à isso.

— Acredito que os Luzados nunca tenham experimentado



— Confio em UZU. Mas devemos ouvir outras opiniões

— Vou contar a outros.

Consegui reunir mais 9 Espíritos e contei a eles tudo que havia se passado. Todos tinham o livre arbítrio para escolher. Eu iria de novo. Podiam me acompanhar.

Eles confiaram em mim. Experimentaram comigo a vida terrena em corpos de símios. Vivemos a vida na matéria juntos por mais de 40 anos. Após o nosso retorno, esses 10 espalharam a notícia que tinham experimentado e gostado. Uma nova experiência de aprendizado. Novas sensações. Uma nova maneira de evoluir. A notícia se espalhou rapidamente e muitos queriam experimentar também. O desejo cresceu rápido e bilhares se lançaram nas fecundações de qualquer animal vivo. Valia tudo. E os relatos após suas voltas, só aumentavam o desejo de muitos mais. Virou um caos. E então... Os Luzados retornaram ao nosso Plano e interviram...E comunicaram para todos:

**— Vocês quebraram a regra sagrada: "não interagir com a matéria".**

**— O desejo de conhecer as sensações terrenas já contaminou muitos.**

**— Respeitamos o livre arbítrio de todos de seguirem esse caminho de evolução, mas há regras para o retorno à corrente original de evolução.**

**— Todos que experimentaram a matéria se contaminaram com sentimentos impuros e somente poderão retornar quando a aura estiver azul.**

**— Quando os corpos terrenos findarem, não retornarão mais a esse plano. Retornarão à um subplano que criamos entre o plano terreno e o natural.**

**— E todos ficarão transitando entre esse subplano e o plano material até estarem prontos para retornar.**

Após esses avisos, pude compreender o que estava acontecendo. Aquilo significava que haveria muitas e muitas encarnações até conseguirem obter novamente os sentimentos puros e retornar à origem. Eu atrasei a evolução de bilhões de seres espirituais. E coloquei em risco de destruição o universo material. Esse foi o meu grande erro.

Pude entender outros erros que eu havia cometido e as consequências. Eu havia criado um desvio no caminho da Evolução original que iria atrasar quem o pegasse. Por isso a punição foi grande.

Estraguei tudo.

## Capítulo 5



## O JULGAMENTO

Nós 11 fomos chamados para nosso Julgamento pelos Luzados.

7 deles nos aguardavam. Um deles se pronunciou:

— **Qual é o som original de cada um de vocês?**

— Uzu

— Haeel

— Bend

— Hohoo

— Lust

— Caab

— Giell

— Rums

— Gerrol

— Capud

— Marell

Agora, outro Luzado falou

— **Vocês ainda não sabem exatamente o que fizeram.**

**O grande erro que cometeram com a evolução natural, com o universo material, com vocês, com os muitos que os seguiram.**

**As conseqüências são graves.**

Os Luzados iam passando a palavra para o próximo:

— **O universo da matéria foi criado para receber os espíritos inferiores que vieram da fonte de luz. Se encontram**

no início de suas evoluções. 3 planos materiais e um ciclo evolutivo perfeito para a evolução dos espíritos inferiores. Quando encarnados na matéria, esses espíritos expressam sentimentos e reações. Expressam a vida que vivem nesse plano material.

— A sintonia pelas auras com esses seres, sentindo cada tipo de vida, cada tipo de reação, de sentimento, traz conhecimentos, aprendizados necessários para a evolução dos espíritos superiores. A evolução em sintonia com a vida. Os espíritos inferiores aprendendo a vida. Os espíritos superiores aprendendo o poder da criação da matéria com vidas. Depois de criarem um universo com vidas e evoluir substitutos, retornam à fonte de luz fortalecendo-a, para que a criação de espíritos aumente cada vez mais e retornem, continuamente, alimentando a fonte de luz. Um movimento em evolução. Perfeito!

— Esse plano material não foi preparado para espíritos superiores. Todos vocês são intrusos. Estranhos a esse plano. E a presença de vocês na matéria provocará desequilíbrio no universo terreno, até destruí-lo.

— A aura de todos foram alteradas com os sentimentos impuros adquiridos na vida da matéria. Deixaram de ser

**puros. Portanto, haverá atraso na evolução de todos até conseguirem retornar de aura pura novamente. Além disso, interromperam os ciclos de evolução dos espíritos inferiores. Eles perderão muitos corpos para os espíritos superiores que entrarão. Sofrerão atrasos em suas evoluções. Os espíritos superiores modificarão os corpos terrenos para produzirem mais sensações. Os corpos terrenos irão se moldando às novas necessidades e isso modificará o ciclo de evolução natural estabelecido para os espíritos inferiores e os seres terrenos. Caminharão para a destruição do plano terreno.**

**— Esse universo terreno que criamos poderá ser condenado. Os espíritos superiores dominarão os outros seres do universo terreno. São espíritos inferiores facilmente domináveis. Também interferirão nos 3 planos criados. E se não dominarem seus sentimentos materialistas... acabarão destruindo os 3 planos. Se isso ocorrer, muitos ficarão sem poder purificar suas auras e não poderão retornar para o plano original de evolução. Os impuros serão abandonados.**

**— Foi a quebra de dois ciclos de evolução perfeitos. Nesse universo que criamos, onde todos seguiam sua evolução natural, quebraram a regra sagrada. Interagiram com a matéria. Levou muitos espíritos superiores a voltarem para o**

**nível de evolução inferior. Agora sofrerão atraso em suas evoluções naturais.**

**— A evolução terrena é limitada e lenta. Esse atalho criado no caminho da evolução original só irá atrasar quem o pegar.**

**— Essas são as consequências dos atos de vocês. Compreendem agora o que fizeram? O tamanho do erro que cometeram?**

**— Qual de vocês descobriu a entrada na matéria?**

Respondi com certo receio.

**— Fui eu. UZU**

**— E por quê Uzu quebrou a regra sagrada?**

**— Fiquei curioso. Queria saber que sensações existiam no plano terreno. Não tinha noção do perigo do envolvimento.**

**— E por quê Uzu envolveu esses outros espíritos?**

**— As sensações terrenas que experimentei eram desconhecidas e muito mais intensas. Era uma experiência nova. Diferente da Aura. Acreditei que essas novidades poderiam fazer parte de nossas lições e aprendizados. Contei a eles. Acreditaram em mim.**



— Uzu experimentou a matéria e acreditou ter encontrado um novo caminho na evolução.

— Também é verdade. Foi esse argumento que usei para convencê-los a experimentar a matéria.

— Uzu usou seu livre arbítrio para desobedecer a regra sagrada e convenceu os outros para dividir sua responsabilidade. Sabiam da regra sagrada e mesmo assim interagiram com a matéria.

— Uzu errou ao divulgar a descoberta da entrada para o mundo material.

— Vocês 10 erraram em seguir Uzu e divulgarem para todos os espíritos que se contaminaram.

— Ao usarem o livre arbítrio, tornam-se responsáveis pelas consequências. Terão que atuar no universo material para resgatar os contaminados.

— Mas como faremos isso?

— Dê início a uma organização dos espíritos, separando-os por grau. Distribua-os de acordo com a proporção de seres existentes em cada grau. Devem retornar a sintonia de auras.

**Crie um corpo exclusivo para os seres poderem se manifestar na matéria e que ajude sua descontaminação.**

— Não sabemos criar corpos terrenos.

— **isolem um macho e uma fêmea de símios. Comecem a reprodução de corpos dando-lhes inteligência crescente através da sintonia das auras e da escolha de espíritos de 5º grau. Desenvolvam um corpo perfeito.**

— **Quando atingirem um grau adequado de inteligência, comecem a lhes passar conhecimentos para que se desenvolvam. Devem lhes ensinar suas origens e a necessidade da purificação, a libertação da matéria, a volta ao ciclo de evolução, a necessidade de preservar o ambiente e os seres existentes nos 3 planos.**

— **A etapa da orientação vocês cumprirão encarnados dentro do ciclo terreno. Ficarão separados por idade e localização. Aos 7 anos de idade todos serão despertados para iniciarem o cumprimento de uma missão humanitária. Se lembrarão da última vida e o que fez. Não se lembrarão do erro cometido e nem o que significa UZU. Mas ficarão com o chamado de UZU em suas mentes.**

— **Uzu também será despertado aos 7 anos. Mas lembrará de tudo e de todos. Se lembrará de todas as vidas**

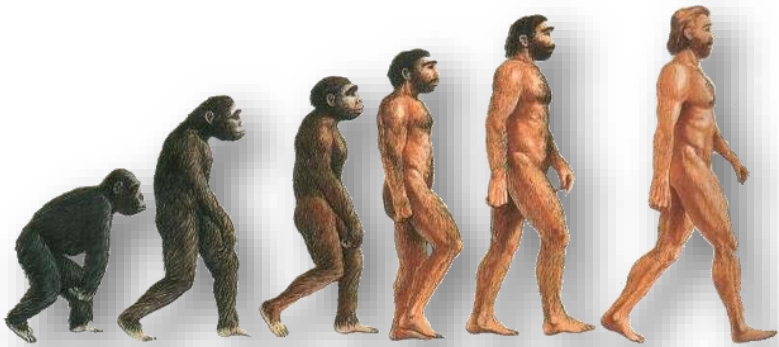
**passadas no plano terreno para que não se esqueça do erro que cometeu.**

**— E para o retorno de vocês a esse plano, o universo material deverá estar reorganizado com um ciclo de evolução implantado. E deverá ocorrer o encontro de vocês 10 com UZU e um pedido de perdão de Uzu a cada um.**

**— Um pedido de Perdão a cada um. Vamos nos encontrar aqui então?**

**— Não. Esse encontro deverá ser no plano terreno. Terão que usar a inteligência de seus corpos para se encontrarem. Uzu e seus 10 espíritos leais deverão estar presentes. Após o encontro do perdão poderão retornar ao plano original mas continuarão responsáveis pelos que ficaram. Deverão manter a sintonia com eles e ajuda-los a se purificarem e retornarem. Manterão essa sintonia até o último espírito retornar. Serão os responsáveis pelo resgate e evolução desses espíritos superiores. Essa é a sentença. Comecem a cumpri-la.**

## Capítulo 6



## O CORPO

Igor fez uma pausa. Tomou mais um gole de água. E continuou.

— Os 10 Leais espalharam a nova orientação dos Luzados que eu seria o responsável pela coordenação geral do retorno de todos os Espíritos contaminados. Bilhares de espíritos vieram ao meu encontro para me ouvir, para saberem como seria organizada a vida terrena. Então, antes de explicar, eu falei toda a verdade:

— Errei! Errei e fiz vocês errarem também. Peço perdão a todos que influenciei a mergulhar na matéria e que se encontram agora contaminados por ela. Esse não era um caminho alternativo para a Evolução, como eu imaginei. Muito pelo contrário, é um caminho que irá atrasar a evolução natural de quem o pegou. Todos agora são impuros. E não poderão retornar ao ciclo original até que se purifiquem novamente. E purificar é conseguir se desligar da matéria e sair do ciclo terreno somente com sentimentos puros. E terão que obter todos esses sentimentos puros em suas encarnações terrenas. Como viverão no mundo terreno, terão que zelar por ele. O nível de inteligência e conhecimento sobre o mundo material, irá acabar destruindo-o. E isso deve ser controlado, senão virá o caos e perderão a única oportunidade de poderem retornar ao ciclo natural de evolução. Vamos organizar o ciclo encarnatório para que todos possam ser purificados. Vamos criar

um corpo, que será único para os espíritos superiores. Com esse corpo, vamos deixar os seres inferiores seguirem suas evoluções em paz. Estamos atrasando-os. Tomando seus corpos e criando novos seres que não deveriam existir no universo material.

Vamos ter um corpo único e padrão para todos. Um corpo Macho e um corpo Fêmea para a reprodução contínua. Assim, deixarão o plano dos Espíritos inferiores e passarão a criar um plano para uma vida própria na matéria. Todos terão um corpo em constante evolução. Mas para isso é necessário que vocês entrem nesse ciclo e participem do aperfeiçoamento de corpos e do aumento da reprodução. Precisamos de um corpo perfeito para que possamos evoluir mais rapidamente

Assim, consegui convencer uma grande maioria do que era necessário fazermos. E começaram a repassar aos demais Espíritos Superiores o que estava ocorrendo. O erro cometido, a necessidade da volta, a purificação necessária para o retorno, a necessidade de organização dos ciclos de reencarnações e a participação no aperfeiçoamento dos corpos. Havia uma tribo de símios que comecei a observar. Eram fortes, espertos, tinham instintos bem apurados, demonstravam comportamentos sentimentais. Escolhi um casal que possuía bem essas características e começamos as reproduções. As Fecundações foram bem aproveitadas colocando Espíritos Superiores

preparados para iniciar as mudanças nos corpos. Novos instintos para exigências no corpo eram passados através da sintonia de auras. As reproduções ocorriam rápido. Os corpos feminino e masculino evoluíam em estrutura corporal, tamanho e destrezas. Tudo corria bem. Então, começou a ocorrer algo que não esperávamos. E isso modificou tudo que havia sido planejado. O número de Espíritos superiores para encarnar no novo corpo era crescente e bem maior do que o número de vagas criadas. Houve naturalmente a formação de fila de espera, o que começou a desagradar muitos. E uma grande maioria preferiu continuar encarnando em outros animais enquanto aguardavam sua vez de entrar no corpo. Era uma situação grave. Fui aos Luzados.

— **O que quer falar Uzu?**

— Peço permissão para acelerar a busca pelo corpo perfeito e abrir mais vagas para os Espíritos superiores encarnarem.

— **por quê Uzu pede isso?**

— Os contaminados estão iniciando uma busca por outros corpos de animais terrenos para continuarem a usufruir da vida terrena enquanto aguardam vagas. Isso irá contaminá-los ainda mais, antes de entrarem nos corpos.

— **Qual é a sugestão de Uzu?**

— Sugiro iniciarmos mais frentes de desenvolvimento do corpo. Os 10 Leais comandariam, cada um, uma campanha de desenvolvimento de corpo, em locais diferentes no planeta. Assim, prepararíamos um corpo já adaptado a todas as regiões do planeta. Abriremos mais vagas e vamos escolhendo os melhores resultados cruzando esses corpos até chegarmos ao corpo perfeito.

— **UZU! Entenda para decidir. Se continuar o desenvolvimento do corpo único, levará mais tempo e os Espíritos Superiores, enquanto aguardam, estarão se contaminando ainda mais na matéria. Eles levarão mais tempo ainda para se purificarem depois que iniciarem as encarnações nos corpos. Mas tudo será uma questão de tempo. Corpos iguais se entenderão melhor usando uma mesma comunicação. Entenda: O Tempo. Esse será o problema que irá enfrentar se continuar com o desenvolvimento de um corpo único. Por outro lado, abrir mais frentes de desenvolvimento do corpo, irá acelerar a purificação, abrirá mais vagas e resgatará mais espíritos superiores. Mas existirá uma consequência: Locais diferentes no planeta terão temperaturas, ambientes, alimentações e climas diferentes. Isso ocasionará corpos diferentes para adaptações aos diferentes ambientes. E corpos diferentes**



**podem trazer distúrbios e competição. Terão dificuldades para cruzar corpos diferentes. Eles se reproduzirão entre seus iguais, aumentando suas populações. Nascerão raças. E cada raça criará sua comunicação própria. E haverá competições por melhor lugar, por melhor viver. Haverá guerras e mortes prematuras, o que atrapalhará o ciclo evolutivo. Entenda: Conflitos entre corpos diferentes. Este é o problema que irá enfrentar se criar diferentes frentes de desenvolvimento. A decisão é sua.**

— Vou manter meu plano. Várias frentes e corpos diferentes. Podemos administrar os conflitos e fazer com que cada raça criada desenvolva o mesmo nível de conhecimento e inteligência.

— **Essa é sua decisão?**

— Essa é a minha decisão.

— **Saiba Uzu: Os Espíritos Superiores que encarnam em corpos de animais estão se contaminando cada vez mais na matéria e trazem os piores sentimentos impuros: Ódio, inveja, Egoísmo, ganância. Esses Espíritos devem ser resgatados com prioridade. Existe também a necessidade de aprimoramento do corpo e da vida civilizada utilizando Espíritos Superiores de alto nível para encarnar e transmitir**

**conhecimento e aumentar a inteligência. Portanto, terá que misturar os diferentes níveis dos Espíritos Superiores nas encarnações. Isso trará diferenças intelectuais entre todos os espíritos encarnados e duas regras prevalecerão na vida terrena: “Ninguém será igual a alguém”. “O mais capacitado se aproveitará do menos capacitado”. O corpo será desenvolvido mais lentamente. Terá que administrar isso também.**

**— Todos esses espíritos não levarão para a vida terrena seu nível de inteligência natural e seu conhecimento. O Conhecimento e a inteligência devem ser liberados aos poucos, de acordo com o nível de purificação da aura de cada um. Assim, os mais pertos da purificação recebem mais conhecimento e inteligência para a próxima encarnação. Os mais contaminados, recebem menos. Fazendo uma evolução natural no ambiente material. UZU terá o poder de liberar conhecimento e inteligência natural aos Espíritos contaminados.**

**— UZU, a permissão concedida para essa mudança está no comprometimento de que você e os 10 leais abrirão novas frentes e administrarão os problemas dos corpos diferentes e das diferenças intelectuais.**

Igor parou a narração e ficou olhando para todos aguardando alguma pergunta. Como ninguém se manifestou, retomou a fala:

— E assim aconteceu. Cada um dos Leais foi para uma parte do planeta, com vários espíritos superiores encarnantes. Escolhiam um casal de símios locais para começarem a desenvolver corpos masculinos e femininos. Formaram-se as primeiras tribos. Diferentes umas das outras, as tribos começavam a crescer. Umas mais evoluídas que outras. Eu e os 10 leais nos reuníamos com frequência, para mantermos o mesmo padrão de corpo em desenvolvimento em suas tribos. Mas cada tribo desenvolveu seu próprio corpo, porém sempre tentando manter um padrão de formato e características dos corpos, para facilitar futuros cruzamentos. Os corpos criados tinham suas peculiaridades: Negros, amarelos, brancos, pardos, vermelhos, marrons, rosados. No começo, as primeiras tribos diferentes que colocamos para se encontrarem acabaram em guerras. Muitos desligamentos prematuros. Isso atrapalhava a reprodução e o desenvolvimento do corpo. As guerras foram sendo evitadas deixando cada tribo em locais diferentes e distantes um dos outros. Com isso a reprodução em cada tribo foi aumentando. E assim, após muito tempo de aprimoramento do corpo, cada cor foi perdendo a intensidade na pele e as características diferentes entre cada corpo foram sendo ajustadas para um padrão definido.

Assim, a mais de 8 milhões de anos, na contagem terrena, chegamos aos corpos ideais em cada tribo. Os corpos estavam preparados para começar a receber conhecimentos e mais inteligência. E assim foi: Tribos, idade da pedra, defesa, caça, o uso do fogo, cozimento de alimentos, vestimentas, agricultura, uso da roda, línguas e escritas, civilizações. Começava a era do despertar da inteligência. Nessa evolução do corpo, muitas raças e tribos deixaram de existir dando lugar a novas raças mais evoluídas. As características diferentes que ainda sobraram são o que define as raças atuais. O cruzamento das raças gerará no futuro o Híbrido, o Corpo Perfeito. E então, quando tanto o corpo como as civilizações estavam bem desenvolvidas, Os Luzados nos chamaram.

**— Já podem iniciar os ensinamentos. Deve lhes ensinar suas origens, a volta ao ciclo de evolução, a necessidade da purificação, a preservação e respeito ambiental. Uzu e os 10 leais vão entrar no ciclo encarnatório. Primeiro será Uzu. Quando Uzu completar 7 ciclos terrenos, um dos leais irá encarnar e a cada 10 ciclos terrenos, outro leal encarnará. Até que todos tenham iniciado o ciclo terreno.**

— Minha primeira encarnação no corpo humano foi na Mesopotâmia. No início dela, na Suméria. Eu fui slokak, um amigo do Rei.

## Capítulo 7



A BUSCA

— Eu nasci em uma família de artesões. Ganhei o nome de Slokak. Meu pai, Ryemis, era hábil em costura e corte de couro de animais. Fazia armaduras de couro para o exército do Rei. Minha mãe criava outras vestimentas e as trocava em alimentos. Com o tempo ficaram famosos e foram recrutados pelo rei da cidade de Ur, Tusnamissig. Meu pai fazia armaduras para o Exército e minha mãe criaria peças exclusivas para a rainha. Morávamos na Vila Real. Uma vila dentro dos muros que guardavam o Palácio, onde moravam todos que serviam ao Rei. Minha infância antes dos 7 anos foi nos corredores e salas do palácio real. Quando completei 7 anos, senti uma forte dor de cabeça, tive convulsão, desmaiei e depois que me recuperei me lembrava de tudo. Eu era Uzu. Estava cumprindo minha punição. Eu tinha uma missão a cumprir e também tentar encontrar os outros Leais. Minha inteligência estava ativa e mais do que nunca eu precisaria tomar cuidado em como passar conhecimentos e ir despertando a inteligência aos poucos em cada um. Aos 8 anos, vivia no mercado de rua da cidade. Convenci meus pais a me levarem frequentemente lá. Precisava conversar com viajantes e o Mercado de rua era onde todos os viajantes sempre passavam. Perguntava sobre os outros lugares, o que havia lá, como era a vida das pessoas nesses outros lugares, como falavam, como eram fisicamente. Depois de um tempo pude ter uma visão do nível de

desenvolvimento que se encontravam as civilizações mais próximas e planejei como subir esse nível. Precisava ir me revelando aos poucos a meus pais. Não podia chocá-los com ideias ou palavras diferentes. Seria incompreensível para eles. Aos poucos meus pais foram se acostumando com meu jeito de falar e meu nível de inteligência. Como eu morava na Vila Real e tinha acesso ao palácio, estava sempre perto do Rei. Ele gostava de conversar comigo. Eu sempre o deixava pensativo com algum questionamento. Passávamos pelos corredores e salas diariamente, pela manhã, cumprimentando a todos, inclusive o Rei. Então, certo dia eu permaneci no recinto e fiquei encarando o rei.

— O que está me olhando, meu jovem?

— O senhor é o dono dessas terras todas em volta daqui?

— Até o Frates, até Membizzom, até Rhuunas.

— Então, quanta terra você tem? Que é sua?

— Quanta terra eu tenho? Até o Frates, até Membizzom, até Rhuunas. Todas essas terras são minhas...Eu as conquistei. São minhas. Eu as conheço. Sei onde começam e onde terminam e sei onde ficam.

— Quantas pessoas vivem nelas?



— Muitas. Lisanis, senises, alguns siços, frehuuains...

E outros que nem sabemos de onde vieram. Mas, por que o pequeno slokak me faz essas perguntas?

— Para constatar o que eu já havia percebido. Ninguém aqui tem noções de quantidade.

— Quantidade? O que é isso?

— São coisas novas. E eu estou aqui para ajudá-lo a pensar em coisas novas.

— Ahahahah! Isso é alguma troça para me fazer rir?

Vai me ensinar a pensar em coisas novas? Logo você? Criança ainda...

— Sim. É isso. Coisas novas que irão ajudar a todos.

— Que interessante. E que tipo de coisas novas seriam essas?

— Ouça bem essa palavra. Ela não tem significado.

Mas abrirá sua mente para novos conhecimentos:

HAAGUHALAA !!!

O Rei sentiu um leve tremor. Uzu Continuou:

— Vamos começar com aprender a contar. Contar é algo que vocês não fazem ou não sabem fazê-lo.

— Contar. Contar o quê? Contamos histórias.

— Não é desse “contar histórias” que estou falando.

Estou falando de contar coisas, pessoas, terras, animais, tudo.

— Contar coisas? E isso serve para quê?

— Para saber a Quantidade de todas essas coisas. A Quantidade de tudo que existe a sua volta. Conhecer a quantidade permite o controle de tudo no Reino. Fará justiça nas trocas de mercadorias. Saberá exatamente tudo que é seu. E tudo que é dos outros.

— Sente-se aqui criança. Fiquei curioso para ouvi-lo. A Quantidade. Encontrar a Quantidade. Contando.

— Pode saber quantos animais, quantas plantações, quantas pessoas vivem aqui e até se pode haver fome no Reino.

— Eu entendi !!! Isso é maravilhoso. É genial. Mas... existe algo misterioso nisso.

— A que mistério se refere, Alteza?

— A você. Como pode uma idéia surpreendente dessa sair de um menino de 8 anos e que fala corretamente como um adulto? Você é o mistério. Quem é você realmente?

— Quer mesmo saber, Alteza? Mas será um segredo entre nós dois. Ninguém mais poderá saber.

— Quero saber. Você não fala como uma criança e não pensa como uma criança. Pode falar.

— E o segredo? Jura guardar?

— Está bem. Eu juro guardar segredo. Fale.

— Lembra-se que aos 7 anos eu tive aquela dor de cabeça e desmaiei?

— Sim. Lembro sim. Nosso curador o socorreu.

— Depois que voltei do desmaio, acordei assim. Pensando como um adulto e tendo ideias geniais. Mas as pessoas se assustam com minhas ideias. Não conseguem enxergar o que eu enxergo. Não compreendem o que eu compreendo. A contagem do tempo, a contagem das coisas, a contagem dos valores de cada coisa. Todos viverão contando. E sei que você é capaz de entender sobre contar coisas.

— Espere. Então você se tornou um o quê? Um Esquisito-inteligente? Você tem o corpo de uma criança. É ridículo. Não combina.

— Eu vou crescer normalmente, me tornar adulto e envelhecer. Mas continuarei a ser o mesmo de agora. Pode esperar eu chegar em uma idade com uma aparência mais adequada. Mas só irá perder tempo de aprendizado.

— Está bem. Estranha criança. Enviado de ERIM. Estou disposto a aprender. Continue. Como fazer isso? Contar.

— Olhe para suas mãos e me diga qual a quantidade de dedos que possui em cada mão.

— Eu não sei o que quer dizer quantidade de dedos. Cada coisa será quantidade. E cada quantidade terão nomes diferentes quando forem contadas com outras.

— Está dizendo que cada quantidade terão nomes diferentes?

— Isso. Olhe as mãos. Todos os dedos terão o nome de quantidade UM.

— Quantidade UM. Nome interessante. Continue.

— Cada dedo vale UM. E quando somados, terão diferentes nomes. Veja quantos dedos estou lhe mostrando agora. Essa será a quantidade DOIS.

— Quantidade Dois. Um e Dois. Continue. Ainda não compreendo onde isso vai dar.

— Agora vou pegar outro dedo e somar com essa quantidade Dois. Essa nova quantidade será chamada de TRES.

— Quantidade Dois se junta com a quantidade UM e passa a se chamar TRES.

— Está começando a compreender. Juntando mais UM teremos a quantidade QUATRO... e mais UM... CINCO...

— Espere...Espere... como vou lembrar desses nomes?  
Serão muitos nomes.

— Criaremos um sistema inteligente de mudança de nomes para os números. Base DEZ. Os números guiarão a vida de todos e terão a primeira visão do que significa: UNIDADE e INFINITO.

— Você deve ser algum enviado de ERIM. Consigo pensar em contar tudo. Consigo pensar em quantidades de cada coisa e como administrá-las.

— Sua inteligência foi despertada. Muitas coisas novas virão. Estamos no início da nova era. A Era do Conhecimento. E essa será sua missão. Implantar esses novos conhecimentos. Tenho muito a ensinar.

... Após alguns dias explicando tudo que iríamos realizar, ele compreendeu... Hisfill estava pronto. E eu iria direcioná-lo. E assim, aos 8 anos fui designado pelo rei a orientar e ensinar a marcação e a contagem dos animais que cada um tinha. Eram preparadas tabuas de cerâmica semi-cozida, fáceis de escavar com as ferramentas pontiagudas que desenvolvi para escrever. Depois de algum tempo, com todos já sabendo desenhar caras de vacas, árvores, animais e outras representações na cerâmica e os traços, o que já despertava a noção de quantidade, fui

aprofundando o conhecimento e apresentei os números escritos e seus nomes. Eles representariam as quantidades de uma maneira muito fácil. Montamos uma grande Escola, frequentada por muitos estrangeiros, vindo de outras regiões em busca do conhecimento. Eu ensinava a soma dos números. Todos que se formavam tinham a obrigação de repassar esse conhecimento para mais dez pessoas e quem recebesse esse conhecimento também repassava para mais dez e assim por diante.

Alguns espíritos de grau 5 que estavam encarnados nessa época me ajudaram a difundir a Matemática e a Escrita.

Ensinei os símbolos numéricos para que pudessem aprender a calcular. Ensinei a arte rupestre e a escrita cuneiforme, com vários símbolos representando atos, eventos, ações. Ensinei irrigação, Agricultura, metalurgia, Cerâmica, arte, pesca, medicina e muitas outras coisas.

Com isso, revolucionei aquela civilização, que foi o impulso do despertar da inteligência das demais civilizações que viriam a seguir.

E com 38 anos, tomei uma decisão e fui falar com o rei.

— Obrigado por me receber alteza.

— O que meu Orientador está precisando?

— Não estou precisando de nada. Na verdade vim comunicar a sua Alteza que minha missão aqui se encerrou. Preciso cuidar de outra missão que tenho e que já é hora de começar. Preciso partir, procurar uma pessoa. Muitos por aí já conseguem ler as tábuas. Preciso deixar três palavras registradas nas próximas placas de cerâmicas que criarem. Na parte inferior da placa escrito “UZU monte Cassim”.

— Monte Cassim? Vai para o norte?

— Sim. Espero que alguém me encontre lá. Estarei esperando.

Assim, fui para o Monte Cassim, acompanhado de uma equipe de trabalhadores que o rei havia mandado comigo para me proteger, acompanhar e fazer o que eu pedisse. Era um presente real e não poderia haver recusa. Com eles construí um chalé de madeira bem confortável ao pé da montanha, com vista para o pequeno lago em frente. Depois dispensei os trabalhadores de suas obrigações comigo e ofereci o local, caso quisessem construir moradias também ali, seriam bem vindos como vizinhos. Todos ficaram e construíram suas casas. Nasceu uma pequena vila, onde todos se ajudavam. Horta comunitária, galinheiro comunitário, chiqueiro comunitário, pasto comunitário, tudo era para todos.

Fiquei ali por mais de 10 anos esperando alguém aparecer e produzindo tábuas com minhas marcas. Quando fiz 50 anos, resolvi que tinha que procurar também. Não adiantava eu ficar só esperando.

Fui para Rhuur. Entre Rhuur e Bombaim, no meio do caminho, uma pedra alta. Retornei para o monte Cassim e fui pedir ajuda.

Todos ajudaram a escalar aquela pedra e escrever bem grande nela UZU com cal e óleo e uma seta apontada para baixo. Ao lado da seta, uma lua minguante desenhada.

Assim, quem passava na estrada de longe via aquela palavra, e todos, em pouco tempo, começaram a comentar e falar nas duas cidades. Alguns curiosos paravam e iam até mim, sentado logo abaixo da seta no paredão.

‘— Você é UZU?

— Sim. Sabe quem sou?

— Não. Não. Queria entender isso. Você fica aí o tempo todo? Está esperando alguma coisa?

— Sim. Estou procurando alguém. Alguém se lembrará do meu nome e irá me procurar. Estou mostrando onde estou. Por favor espalhe essa notícia. É muito importante. Muito obrigado.



Estarei aqui durante um dia e uma noite dentro de toda lua minguante. Retorno na próxima minguante novamente. Estou deixando isso escrito aqui. Quem se lembrar de mim, virá aqui e saberá ler o que escrevi.

E assim, varri toda a região da mesopotâmia, com marcações em 4 lugares e indo, de carroça, rotineiramente nos pontos de encontro conforme a lua, por mais de 3 anos. Nada. Todo esse tempo fiquei longe do monte Cassim. Estava cansado da busca e com saudades de lá. Escolheria uma das famílias de lá para me receber na próxima encarnação. Quando cheguei ao Monte e na varanda da minha casa, um senhor de barbas brancas me aguardava sentado em uma cadeira de balanço.

— Você me fez esperar um bocado. É UZU, suponho.

— Quem é você?

— Jernom de frates. Estudioso de religiões.

— E por que veio até mim?

— Seu nome. Uzu. Está em minha cabeça a muitos anos.

— Você é alguém que procuro. Qual o seu som original?

Ele se levantou e veio me abraçar

— Meu som original é Haeel.

— Haeel. Que bom te encontrar.

— Eu o encontrei. Só estava te esperando chegar. Sabia que voltaria para cá quando estivesse se sentindo cansado.

— Temos muito que conversar. Tenho muito a lhe explicar. Você é um missionário também.

— Sim. O que conseguiu implantar?

— Escrita, arte, cultura, língua... Foi só o início. E você? Como foi?

— Religiões. Difícil implantar só uma. Mas, como você mesmo disse... é o começo. O que importa é que acreditam em algo sagrado, invisível e poderoso. Vou dar continuidade na próxima encarnação. Vou ser um sacerdote.

— Ótimo. Ficaré mais fácil procura-lo. Mas sabendo a família um encontrará o outro antes. Quando fizermos 7 anos.

— Podemos até combinarmos de morrermos juntos para nascer com a mesma idade.

Assim, eu e Haeel passamos a nos encontrar. Encarnação pós encarnação e sempre buscando pistas e espalhando a palavra UZU por todos os lados. Cumpríamos nossa missão de ensinamentos

até os 50 anos. Depois dessa idade nos encontrávamos para iniciar nossa busca pelos outros. Buscávamos pessoas diferenciadas. Inteligentes. Esquisitas. Estranhas. Se houvesse algum boato corríamos o mundo para encontrar. Era uma busca cega. Demos sorte de encontrar Caab. Ele me procurava. Em uma das muitas encarnações, na Era Egípcia, eu era o Cientista do Faraó. E nesse tempo havia algumas regalias, que eu aproveitava para divulgar o nome UZU para todo o Reinado e Reinos vizinhos. Até que o Governador de Rhuur me mandou uma correspondência, me convidando para ir ao Palácio do Governo. Queria me fazer um pedido pessoalmente. Hael foi comigo ao encontro. E o pedido do Governador era que eu parasse de ficar pintando tudo com o nome UZU.

— As pequenas cidades também? Já não basta ter pintado todas as montanhas que existem em todas as redondezas? Agora vem pintar nas casas? Nos muros? Está deixando feia as cidades.

Olhei para Hael e compreendemos. Hael respondeu:

— Nós não pintamos em nenhuma cidade, Governador.

E afirmou convicto.

— Foi outra pessoa. Posso lhe assegurar.

Então eu entendi o que poderia estar ocorrendo.

— Alguém que pode estar brincando ou ... Alguém tentando contato. Pode ser um Leal. Vamos encontrá-lo.

Alguém estava respondendo ao chamado UZU. Alguém estava tentando Contato.

## Capítulo 8



# CONTATO

Igor prosseguiu sob o olhar atento de todos.

— Antes de seguir contando a história de Caab, deixe-me explicar a meus pais o que era o Despertar.

Igor virou-se para os pais:

— Em cada encarnação, todos nós passávamos pelo despertar. O despertar aos 7 anos não era nada fácil. A dor de cabeça, a convulsão, o desmaio, a inteligência ativada. O meu Despertar era diferente dos deles. Eu lembro de todas as vidas que vivi até aqui. Eles só lembravam da última.

Conte como foi com você, Haeel.

Haeel toma a palavra:

— Quando éramos despertados aos 7 anos primeiro vinham as lembranças da última vida. Um desfile de cenas, passando rápido. Rostos, nomes, coisas que fiz, conversas. Quem eu fui e o que fiz pela humanidade em minha última vida.

Depois uma voz soou dentro da minha cabeça e falou:

***“Desperte HAEEL! Você é um Espírito Superior do 6º Grau.***

***Você tem uma missão especial nessa vida. Você tem Deve ajudar a resgatar os espíritos superiores que estão encarnados e contaminados pela matéria.***



entenderiam. Ela trazia outros símbolos. Uma cruz, com uma seta e um sol desenhado. Fiquei analisando o significado daqueles símbolos e logo compreendi:

— Veja isso, Haeel. A cruz são os pontos cardeais. O sol representa o leste. E a seta indica que Uzu está no norte.

— É um dos Leais. Está usando a inteligência para fazer contato com você, mesmo sem saber quem você é.

— Olhe Haeel. Os mensageiros estão voltando com o Prefeito. Vamos saber mais um pouco sobre essa marca.

— Que Amon te consagre, Prefeito Helaad. Agradeço sua colaboração.

— O que deseja o Cientista do Faraó?

— O que você sabe sobre essas marcas?

— Marcas estranhas. Nunca tinha visto. Mas não estavam ai ontem à tarde. Passei por aqui. Não tinha nada desenhado.

— Passa sempre por aqui?

— É o meu caminho. Casa e trabalho.

— Tem certeza que não estavam aí, ontem?



— Eu teria visto. Isso chama a atenção. Não estava aí. E essas marcas estranhas? É algum feitiço?

— Claro que Não! É somente uma mensagem.

— Uma mensagem? Que mensagem?

— Que alguém que procura UZU está no Norte. Esqueça. Não entenderia. Agradeço sua colaboração Prefeito. Que Amon o proteja.

Depois que a comitiva do prefeito se foi Haeel concluiu:

— Então foi pintada essa noite.

— Tem Razão Haeel. Foi pintada recentemente. A tinta ainda está fresca. Dá para sentir. Quem pintou isso não deve estar muito longe daqui. E deve estar seguindo para o Norte.

— Cairo é a próxima cidade ao norte. Depois Damietta ou Porto Said. As duas ficam no norte, beira mar.

— Vamos seguir direto para Damietta. Pelo Nilo seremos mais rápidos. Chegaremos lá antes.

Seguimos para a área portuária e pegamos uma embarcação que nos levou até Damietta. Ao chegar, procuramos o Prefeito e pedimos para nos ajudar na vigília. Arranjaria muitos homens para nos ajudar na busca. Iriam vasculhar as ruas de madrugada

em busca de pessoas pintando muros e casas. Cheguei a oferecer recompensa a quem encontrasse. Haeel ficou com as saídas da cidade e eu fiquei com a zona portuária. Ali, no dia seguinte, eu saberia onde estaria o contato. Em Damietta ou além mar. Seguindo o Norte. Todos foram instruídos a aguardarem a pessoa acabar de pintar e em seguida abordá-la e dizer que UZU a está aguardando e conduzi-la até mim. Mas nem tudo saiu como planejado.

Haeel entrou correndo no quarto eu perguntei assustado

— O que aconteceu?

— Encontraram e Perderam.

— Como assim? Perderam como?

— Eles fugiram ao serem abordados. Se assustaram e saíram correndo. Um Homem e uma Mulher.

— Um homem e uma mulher? São dois então?

— Sim. São dois. Entraram em uma vila. Estão escondidos lá. Cercamos a vila e estamos revistando todas as casas. Vamos encontra-los.

— Então vamos para a vila ajudar na busca.

Ao chegar na Vila, já haviam encontrado o casal. Eram estrangeiros. Estavam em uma casa vazia. O homem havia torcido o pé durante a fuga e não conseguia andar. As manchas de tinta nas roupas não deixavam dúvidas. Eram eles. Falei no idioma deles:

— Eu sou UZU. Quem são vocês?

— Você é UZU?

Perguntou o homem assustado com a revelação. A mulher também estava surpresa.

— Um homem? Não é só uma palavra?

— Porque escrevem meu nome e essas mensagens que UZU está no Norte? Quem são vocês? Hohoo? Lutz? Caab?

— Então é isso. UZU é uma pessoa. Não somos quem espera, Senhor. Sou Heitor e essa é Ágata. Não sabíamos que UZU era um nome de uma pessoa. Nem nosso amo sabia.

— E quem é seu amo? Onde ele está?

— Somos do Peloponesos. De Micenas. Meu senhor é Ifantós. É um estudioso da cura. Mas está enfermo. Não sai da cama. Morrerá em breve. Nos mandou para cá, para escrever a palavra e a direção e talvez sermos contatados. E levá-lo até ele.

— Por que essa palavra?

Ágata retirou o véu que lhe cobria o rosto para responder

— Essa palavra sempre o perturbou. Sempre falava dela. Escrevia. Falava até dormindo. Até que recebeu notícias de um viajante que havia a palavra UZU escrita em paredões, no sul além mar. Nos chamou e disse: “Se isso for verdade, alguém escreveu a mesma palavra que me atormenta a tantos anos. Preciso encontrar essa pessoa. Não tenho mais condições físicas para uma viagem tão longa e nem tempo de vida para isso. Estou muito doente e posso não encontrar essa pessoa mais. Não posso perder essa chance. Essa pessoa pode ter explicações para dar sobre essa palavra que não me sai da cabeça, que escuto até no vento, nos sonhos. Vamos fazer o mesmo que ela fez. Escrever a palavra UZU por todo lado. Vão para o Sul além mar. Providenciem tudo o que irão precisar. Não sabemos onde nem quem escreveu essa palavra. Em cada cidade, vão escrevendo a palavra UZU e uma seta apontando para nossa direção. Só assim poderei encontrar essa pessoa e entender o que temos em comum com essa palavra maldita.”

— Então ele nos mandou para cá, pintar para mostrar a direção.

— Então ele está em Micenas? É um Leal. Vamos nos preparar para a viagem além mar.

— Irá se encontrar com meu senhor?

— Claro que sim. O mais rápido possível.

Mas um fato importante ocorria na capital. Hatexepsute, a rainha-faraó, havia falecido e Tutemés III assumiria o Império egípcio. Minha presença para os dois eventos estava sendo solicitada por Tutemés III. Tinha que cuidar da mumificação da Rainha-Faraó e fazer meu juramento de fidelidade ao novo Faraó. Não poderia faltar. E não poderia fazer a viagem até Micenas, agora. Haeel ficou incumbido da missão. Acompanhar Heitor e Ágata na volta a Micenas e contatar Ifantós e depois de 3 meses chegaram a Micenas. Foram para a casa de Iefantós. Mas foi tarde demais. Quando chegaram encontraram Larissa.

— Ele está morto. Morreu a dez dias. Ele se arrastou até a parede e morreu lá. Foi estranho. Mas não foi só isso. Ele escreveu UZU na parede e uma seta para baixo... Escreveu com sangue. Cortou a mão antes de morrer e escreveu.

— O que você acha? Me parece uma última mensagem...

— Tem razão Heitor. Uma última mensagem.

— Sabe o que diz?

— Significa um convite. Um encontro marcado. Ele estará aqui. Saberemos daqui a nove anos.

E assim aguardamos 9 anos para retornar a Micenas e começar a procura. E finalmente nos encontramos.

— Sou UZU. Quem é você? Qual seu som original?

— Som original? ... Então você sabe... Sou CAAB. Mas não sei o que significa seu nome e porque ele me vem à cabeça, desde a vida passada.

Hael se adiantou para o menino e pôs sua mão no ombro dele.

— Caab !!! Sou Hael. Estamos em missões. Já nos conhecemos, mas não lembramos. Uzu explicará.

— Fui despertado e tenho uma missão a cumprir com todos os encarnados. Tenho que ajuda-los. E essa palavra, UZU, sempre esteve presente depois do despertar. Qual é o mistério nisso?

— É uma longa história CAAB. Vou explicar como tudo aconteceu. Você entenderá.

Caab então se pronunciou para os demais na sala da mansão Hoggins.

— E assim UZU me encontrou. Agora éramos três buscando os outros Leais. Seguíamos como um expoente em algum ramo do conhecimento humano. Era a única maneira de passarmos o conhecimento e despertar a inteligência dos encarnados.

Ao ouvir isso, Suzan levantou a mão.

— Como assim?

Igor respondeu rápido.

— Cientistas, Filósofos, Religiosos, Gênios, Personalidades mundiais, Artistas. Em cada encarnação, cada um de nós atuou em uma área diferente e distantes um do outro.

Foi a vez de Hoggins intervir.

— Espere. Espere. Está dizendo que vocês foram essas pessoas importantes no mundo? na história? é isso?

Igor fez uma cara de compreensão. Balançou lentamente a cabeça em sinal afirmativo.

— Exatamente. Nós 11. Fomos ou ensinamos aqueles que conseguiram mudar a forma de viver. Evoluindo constantemente. Alguns ficaram famosos, outros nem tanto. Mas sempre evoluindo o modo de viver. As missões que tínhamos a cada

encarnação e cada um atuando em uma área diferente, nos separava fisicamente. Cada um então escolhia onde iria nascer e que papel desempenharia na próxima encarnação. Também escolhia a família em que iria nascer e nos informava. Assim, todos se lembrariam na próxima encarnação. Nascíamos na mesma época. E morríamos na mesma época. Entre a Morte e o novo nascimento, leva-se dois anos entre se purificar e aguardar a gravidez até o nascimento. Cumpríamos nossa missão até os 50 anos de idade. Então nos encontrávamos. E cada um apresentava o que havia conseguido descobrir ou o que investigar. Viajávamos e iniciávamos a busca. Tínhamos que procurar por todo o planeta. Antes de completar 80 anos, tive notícias de um sábio, no oriente. Tinha pensamentos avançados demais para a época. E como faltavam ainda alguns meses para que todos morressem, resolvi ir primeiro. Iria encarnar no oriente. Precisava investigar esse sábio. K'ung Chung-ni ou Confucius



## Capítulo 9



## O SÁBIO

Os presentes na sala estavam em absoluto silêncio aguardando a próxima narração de Igor. Então ele retomou depois de beber um copo de água.

— Nasci como Shuang Li, em LU, na China, em 551 a.c. Filho de Li Suu, um amigo pessoal de Confucius. Após o despertar, sabia por que estava ali naquela família. Era o contato para o sábio. Investiguei toda a infância de Confúcio. Não houve despertar. Ele não era um Leal. Mas o nível de conhecimento dos assuntos abordados, pregados e seguidos, era de 6º grau. Iria investigar mais de perto; Precisava verificar porque conhecimentos do 6º grau estavam sendo divulgados por um Espírito do 5º grau.

Houve passagem de conhecimentos de um espírito de 6º grau para ele? Um Leal? Qual deles?

Era um assunto delicado demais para ser abordado diretamente por uma criança de 8 anos. Mas não podia perder tempo. Então, um dia a sós com Confúcio, eu o confrontei.

— Gostaria de fazer uma pergunta ao Mestre.

— Pode fazer Shuang Li. O que quer saber?

— Por que todos esses seres vivos no mundo, que deveriam ser tratados como iguais, que deveriam evoluir por igual, que deveriam ser unidos pelo bem comum a todos, estão nesse estágio de diferenças de vida?

— Uma pergunta interessante jovem Li. As mudanças necessárias não são rápidas. Há resistências. Há interesses. Há má vontade. Há má sorte. Há má fé. A Ganância é venenosa.

Então mudei completamente o assunto

— Então o conhecimento deve ser liberado aos poucos. Em doses. Para que aja uma acomodação e mudanças no modo de viver. Para em seguida, nova dose de conhecimentos, novas mudanças, nova acomodação. E o Mestre está fazendo isso muito bem. Plantando a boa semente nos tempos certos. Como aprendeu a pensar assim?

— Espere... Essa conversa está estranha.

— Só fiz uma pergunta...

— Foi mais que uma pergunta. Alguém o mandou decorar isso e vir me perguntar?

— Não. Ninguém me falou nada. Eu perguntei pois preciso da resposta.

— Uma criança questionando habilmente um Mestre, para que ele concorde com o enunciado antes da pergunta.

— E agora temos um Mestre fugindo da resposta, concordando ou não com o enunciado antes da pergunta?

— Está faltando com respeito a um Mestre.

— Não considero falta de respeito eu querer saber de qual fonte o Mestre bebeu conhecimento. Preciso encontrar essa fonte.

— Shuang Li, vou pensar a respeito. Quando tiver a resposta certa eu o chamo.

— A resposta certa é que você ouviu e aprendeu com alguém. Alguém lhe ensinou esses conhecimentos. E eu preciso me encontrar com essa pessoa.

— Não sei do que está falando. Isso não faz sentido. Comecei a pensar dessa forma e você vem dizer que esse conhecimento que passo, não é meu? Não sou eu que passo?

— Sim. É você quem passa... são seus ensinamentos. De onde vieram para você é o que me interessa.

— Melhor encerrarmos esse assunto.

— Chung Ni... Por favor, Escute o que vou explicar: Espíritos elevados foram escalados para virem a terra trazer

conhecimentos novos. Somos um total de onze. Preciso encontrar todos e resgatá-los. Consegui encontrar 2. Tenho certeza que o conhecimento que você tem lhe foi passado por um deles. Preciso encontra-lo.

— Por que eu deveria ajudá-lo? Não sei suas intenções.

— Preciso resgatá-los de uma punição.

—Essa conversa está ficando interessante. Uma punição? Estão sendo punidos e você é quem irá salvá-los?

— Orientá-los.

— Mas se são Espíritos de 6º grau, como você diz, que erro cometeriam para merecerem uma punição? E se eles estão trazendo conhecimentos para o mundo, por que estão sendo punidos? Trazer conhecimentos é a punição?

— Esse é um assunto muito delicado Mestre.

— Insisto. Trazer conhecimentos é a punição?

— Não. Essa não é a punição. Eles continuarão essas missões. Não se preocupe.

— Então qual é a punição?

— Estarmos aqui no Ciclo Terreno.

— Estamos todos aqui. Está dizendo que estarmos vivos aqui é uma punição?

— Para todos, viver a vida terrena é o grande desafio a ser vencido. Não em uma vida... Em Muitas. Conseguir se libertar da matéria e dos sentimentos impuros. Esse é o desafio.

— Há muita sabedoria em suas palavras, Shuang li.

— Todos precisam retornar ao caminho natural da evolução. A vida terrena é um somente um atalho que atrasa a todos. Chung Ni...Vai me ajudar?

— Não posso ajudá-lo. Gostaria muito, mas não posso.

— Alguma vez ouviu a palavra UZU?

— Não posso falar sobre isso. Fiz uma promessa.

— Eu sou UZU.

— Você é UZU???

— Sim. Sou UZU!

— Então era isso que ela procurava sem saber. Era você!

— Ela? Uma mulher?

— Vou ter que quebrar uma promessa feita. Mas, depois de saber que você é UZU... Vou lhe contar como aconteceu.

Então Confúcio começou a contar toda a história que envolvia Gerrol.

— Há 32 anos atrás, uma jovem de 15 anos, Ni chut nay, me procurou e pediu para falar comigo, a sós.

— Por favor, se prepare para o que eu vou falar, pois vai surpreendê-lo.

— Me deixou curioso. Do que se trata, Ni Chut ?

— Meu verdadeiro nome é GERROL. Estou com uma doença incurável. Vou morrer em breve.

— Eu lamento muito. Fale com o Capitão Chuy Uh. Ele providenciará comida e remédio.

— Não se trata disso. É outro assunto muito importante.

— Outro assunto?

— Tenho uma missão a cumprir, mas devido a doença, não será possível. Não haverá tempo suficiente. Preciso passá-la para alguém que tenha condições de fazer. Nesse caso, você.

— Espere. Você tem uma missão e devido a sua doença, quer passar essa missão para mim cumprir a sua missão por você?

— Exatamente. Ficaré famoso. Conhecido por todos.

— Um artista? Não. Agradeço a oferta.

— Um pensador. Um sábio. Minha missão era passar novos conhecimentos para o mundo. Conhecimentos que irão movimentar maneiras de viver.

— Novos conhecimentos?

— Novos conhecimentos. Irei instruí-lo.

— Quem é você afinal? Uma adolescente? Que vai me passar novos conhecimentos para que eu passe para o mundo?

— Como lhe disse, meu nome é GERROL. Sou um Espírito Missionário. Infelizmente peguei uma doença e não conseguirei cumprir minha missão nessa encarnação. Somente poderei voltar daqui a nove anos. O conhecimento que tenho que passar é importante para o tratamento das diferenças entre os seres viventes.

— E porque me escolheu?

— Você reúne qualidades. É minha primeira opção. Tenho outras. Se não quiser, eu entenderei.



— Que novos conhecimentos são esses?

— Então você aceitou a missão?

— Ainda não. Quero avaliar melhor. Não sei do que se trata ainda essa missão.

— Você irá falar de uma nova maneira de viver, com mais humanidade, altruísmo, cortesia, conhecimento, moral, integridade, fidelidade, justiça, retidão, honradez e Respeito. Respeito é um dos sentimentos que precisa ser resgatado. O Respeito entre os seres. O respeito entre seres e natureza. Você concorda com a missão?

— Está bem. Vamos começar.

Foram 5 anos e nove meses até ela falecer. Ela me ensinou tudo sobre a ética. O Respeito. Os valores. Às vezes, durante os ensinamentos, ela parava de repente, ficava com olhar perdido, pronunciava essa palavra UZU. Depois voltava a si e retomávamos o ensinamento. Um dia lhe perguntei sobre essa palavra.

— Essa palavra, UZU. O que significa?

— Ela me vem à cabeça constantemente. Não sei o que significa. É algo que me incomoda. Como se eu tivesse que procurar essa palavra, seu significado.

— Então, ela se foi. Estou cumprindo o prometido a ela.  
Cumprindo a missão que ela não conseguiu.

— Então era GERROL. Quanto tempo faz que ela morreu?

— Há vinte e seis anos atrás.

— Ela já voltou. Deve estar com 24 anos agora.

— Ainda deve me procurar. Ela prometeu

— Preciso ficar e esperar por ela.

— Ficaré comigo até ela aparecer?

— Sim. Enquanto aguardamos vou ajudá-lo na missão.

Aguardamos 2 anos até que Confúcio recebeu uma Carta.  
Uma comitiva com uma princesa do Sul da África estava chegando à China e queriam se encontrar com Confúcio.  
Nós aguardamos e 20 dias depois a comitiva chegou. A princesa se apresentou.

— K'ung Chung-ni; É uma grande alegria revê-lo.

— Gerrol? é você? Você voltou.

— Sim. Sou eu. Precisei nascer do outro lado do mundo.

Foi uma longa jornada até aqui. Me perdoe a demora em encontrá-lo. Muitos obstáculos surgiram.

— Gerrol. Você veio. Como prometeu.

— Você cumpriu muito bem a missão. Será conhecido em todo o mundo. Muitos seguirão seus ensinamentos.

Aproveitei o momento e indaguei a princesa.

— O seu som original é GERROL?

— GERROL... Sim! E quem é você?

— Eu sou UZU! Estava te procurando para explicar tudo que está acontecendo com você.

— UZU? Você é UZU? Você é uma criança.

Seu som original ficou na minha mente, desde a outra encarnação.

— Era o meu chamado.

— O que significa tudo isso? Essas missões? Esses despertares? Esse seu chamado?

— Você entenderá tudo GERROL. Explicarei tudo e depois vamos nos encontrar com os outros Leais.

Gerrol tomou a palavra dessa vez:

— E assim UZU me encontrou. Me explicou tudo o que havia acontecido e o que estava acontecendo. Éramos 4 agora. Precisávamos encontrar os outros 7.

Então Igor voltou a falar

— Mas, um dos Leais mais difícil de encontrar e convencer foi BEND. A palavra UZU havia se tornado um tormento para ele. Quando foi Arquimedes de Siracura.

## Capítulo 10



O 4° LEAL

Igor sentou-se no sofá e todos se ajeitaram para ficar mais perto dele, ansiosos por ouvir seus relatos. Ele prosseguiu a narrativa.

— Bend foi o quarto leal que encontrei. Mas quando ele soube que UZU era uma pessoa, se recusou a falar comigo. Ele me temia. Um espírito superior de 6º grau com medo? Algo estava errado com ele. Mas para entenderem o que era, preciso voltar ao nascimento de Bend. Em 287 a. C. Bend nasceu na colônia grega de Siracusa, na Itália. Seu pai era um astrônomo famoso. Bend recebeu o nome de Arquimedes. Após o despertar, aos 8 anos, Arquimedes sofreu um acidente, batendo a cabeça em uma pedra. Ficou inconsciente por um dia e ao recobrar os sentidos, não se lembrava mais de seu despertar, de sua missão, de seu som original BEND. Somente uma coisa ficou clara em sua mente e o incomodava. Aquele som: UZUUUUUU. Cresceu assim e sua inteligência foi despertando.

— Meu amado Pai. Vou para Alexandria. Para a Escola de Matemática.

— Os sábios estão lá.

Na escola conheceu seu amigo Eratóstenes. Outro matemático. O que mediu a circunferência da Terra. Certo dia Eratóstenes chegou na biblioteca e encontrou Arquimedes no chão, com as mãos na cabeça e olhos fechados em expressão de dor.

— O que houve Arqui? O que aconteceu? Você está bem?

— A voz. Não pára com esse som na minha cabeça.

— Que som? Que voz? Do que está falando?

— Um som, uma voz repetindo esse mesmo som. Depois pára. Às vezes, fico dias sem ouvi-la. Mas ela retorna. Sempre retorna.

— Mas, que som é esse?

— UZUUUU

— É um som ou uma palavra?

— Fala só isso: UZUUUUUUU E fica repetindo, sem parar, por quase um minuto. Tenho conseguido controlar. Percebi que quanto mais eu ocupar minha mente desenvolvendo projetos a voz não aparece. Ela só vem quando estou sem pensar em nada importante.

— Então é por isso que você mergulhou na matemática. Para manter sua mente sempre ocupada. Não pára de pensar em novas descobertas.

— Sim. Assim evito que essa voz apareça. E vou, de alguma forma, contribuindo para o progresso do mundo.

— Sinto pena de você, meu nobre amigo. Quando isso começou a se manifestar? Você se lembra?

— Sim. Foi depois do acidente em que bati a cabeça e fiquei desacordado. Começou no dia em que acordei.

— Sequelas do acidente podem provocar essas alucinações de audição.

— De qualquer forma, não gosto desse som.

Eratóstenes, preocupado com o amigo e sua saúde, comentou com um amigo sobre o problema de Arquimedes com aquele som.

— Você disse UZU?

— Sim. UZU

— Essa palavra não me é estranha. Acho que li alguma coisa sobre essa palavra na época dos sumérios. Muitas placas de vários assuntos, mas no final todas elas dizendo: “UZU Monte Cassim” e algumas referências sobre paredões pintados com essa palavra.

— Eu quero ver esse pergaminho.

Depois de algumas horas procurando o manuscrito certo, Eratóstenes se apresentou ao funcionário da Biblioteca para assinar o termo de responsabilidade para manusear o pergaminho.



O funcionário olhou a fina fita vermelha que amarrava o pergaminho.

— Meu senhor. Esse documento está com a fita vermelha. Devo comunicar ao Diretor que alguém o solicita. Aguarde um momento.

O funcionário saiu e retornou pouco depois com o Diretor da Biblioteca Rufus de Macau. Era Haeel, que estrategicamente chegou àquele cargo para procurar supostos Leais. Continue Haeel.

*Haeel.*

Quando fui avisado que alguém procurava aquele manuscrito, me apressei em conhecer.

— Sou Rufus, Diretor da Biblioteca. Esse documento está classificado como semi sagrado e requer uma resposta de quem o solicita. O Motivo.

— Estou em busca de uma palavra e ela está nesse pergaminho. Quero entender melhor o significado dela.

— E que palavra é essa?

— UZU.

— UZU. Essa palavra o perturba?

— A mim não. A um grande Amigo. Arquimedes. Arquimedes de Siracura.

— Arquimedes. Perturba como? O que ele sabe dessa palavra?

— Nada. Ele a ouve constantemente quando está sem pensar em nada. Vai enlouquecer desse jeito. Quero ajudá-lo.

— Me acompanha até minha sala, por favor. Temos muito que conversar.

Assim, expliquei a Eratóstenes tudo que estava acontecendo com Arquimedes. Concluí que ele não se lembrava do despertar, mas lembrava do som UZU. Fui falar com Arquimedes.

— O que deseja Diretor?

— Quero conversar com você, sobre uma palavra. UZU. Sei o que significa.

— Sabe? Como sabe?

— Eu a ouvia também.

— Ouvia? Não ouve mais? O que fez?

— Eu entendi o significado de UZU. É uma pessoa. Estive com ele e ele me explicou tudo que estava acontecendo comigo. Estamos cumprindo missões nesse planeta.

— Cumprindo missões?

— Sim. Você é um Espírito superior do 6º grau. Assim como eu. Estamos em missões no planeta. Você foi despertado aos 7 anos, assim como eu fui. Mas você sofreu um acidente e isso atrapalhou de alguma forma seu despertar. Não se lembra do despertar?

— Despertar? Do que está falando?

— Falo que assim como eu, você é um espírito de 6º grau e está cumprindo missões no planeta. Nossa missão é recuperar todos os espíritos que estão no ciclo terrestre. E UZU é a resposta para tudo isso. Ele é o responsável por estarmos aqui. E só sairemos daqui depois de nos reunirmos. Somos 10 a nos reunir. Só encontramos 4 até agora. Você é o quinto a ser encontrado. Uzu precisa vê-lo e quer conversar com você. Ele explicará tudo.

— Pare. Já entendi tudo. A voz que ouço é uma pessoa que vai me dizer que eu sou um espírito de 6º grau e esse som que ouço é um chamado para servir a humanidade. E que, eu esteja aqui para ficar cumprindo missões até ele me encontrar e

encontrar também os outros. Que bela História Você e Erastóstenes inventaram. Assim, me curo de ouvir a voz. Vocês estão tentando manipular meu psiquismo para acreditar nessa baboseira de espírito de 6º grau, missões, que UZU é um ser que vai me esclarecer sobre a vida. Isso não existe! UZU é um som somente que tenho que suportar. Que eu não gosto. E será só isso. E não quero saber mais nada sobre essa palavra, o que significa ou o que representa. Não quero mais saber desse assunto. Não quero saber mais nada sobre UZU.

Hael ainda tentou salvar a situação.

— É a pura verdade Arquimedes de Siracura. Prometa que nascerá em uma família Real. Assim ficará mais fácil reencontrá-lo. Você se lembrará disso.

— Uma família Real? Por favor, retire-se. Vocês estão ficando loucos.

E o que tínhamos aconteceu. Roma invadiu Siracusa e um soldado acabou matando Arquimedes. E BEND levou como uma de suas lembranças para a próxima encarnação, a rejeição à UZU. Entendeu que UZU era uma ameaça que devia ser evitada a todo custo. E eu tinha que encontrá-lo. Chamei Caab, Gerrol e Hael para irmos juntos procurá-lo nas famílias reais. Íamos nascer em famílias reais, na esperança de encontrá-lo em uma delas. Mas

isso dependeria exclusivamente dele. Depois de novo despertar e tomar consciência de quem ele é, poderá aceitar falar comigo. Precisávamos encontrá-lo. Não poderíamos perde-lo. E depois de muito tempo, muitas investigações e viagens, Caab o encontrou. Haryan era um príncipe de uma província da Síria. E Caab confirmou o Despertar aos 7 anos do príncipe. Era um Leal. Caab se apresentou como um Sábio de outras terras ao leste, além mar.

— Que novidades trás o sábio?

— Muitas novidades. Mas a principal delas é sobre uma palavra. A palavra que a voz fica repetindo em vossa cabeça. UZU.

— Como sabes isso?

— Sou também um espírito de 6º grau. Meu som original é Caab. Assim como você, fui despertado aos 7 anos. Estou em missão nesse planeta. Qual é o seu som original?

— Meu som original é Bend.

— Bend. Também estou em missão humanitária nesse planeta. E você precisa se encontrar com UZU.

— Eu me lembro dessa história, na vida passada. Devo evitar UZU.

— Você trouxe uma lembrança errada de quando foi Arquimedes. Na vida passada você foi despertado, mas um acidente onde bateu a cabeça apagou o despertar de sua memória, mas deixou um som. O chamado de Uzu.

— Não quero saber de UZU. Fui despertado. E estou cumprindo minha missão. É só o que me interessa.

— Não Bend. Você precisa ouvir toda a verdade do que aconteceu. Uzu cometeu um erro e 10 Espíritos, incluindo você e eu, expandimos esse erro. Nós colocamos todos esses espíritos no ciclo da matéria. E levarão muito tempo para saírem. Nós temos que ajudá-los. Essa é nossa punição.

— Mas eu não me lembro de ter feito isso.

— Em nossa punição está o esquecimento. Apagou-se o erro e quem foi UZU.

— Caab. Você está me dizendo que cometi um erro, o qual foi apagado de minha memória. Um erro que me gerou uma punição. E que UZU foi o responsável por isso. E você quer que eu o encontre? Não quero saber de UZU.

— Se você fugir de UZU, 10 Espíritos, incluindo você, serão penalizados com a permanência no ciclo terreno. A punição só termina quando Uzu conseguir reunir os Dez Leais e pedir perdão. Você não pode faltar nesse encontro. É a única saída para voltarmos à evolução natural.

— Ainda tenho um sentimento de receio à UZU.

Vou precisar de tempo para decidir esse assunto.

— Teremos um encontro em breve. Daqui a dois anos nos encontraremos em Atenas. Nesse mesmo mês, nesse mesmo dia, na Grécia. Uzu, eu, Gerrol e Haeel, que você conheceu quando foi Arquimedes. Lembra de Haeel? O diretor da Biblioteca?

— Sim. Me lembro. Me contou a mesma história. Mas não acreditei nele. E também não estou acreditando agora. Preciso de um tempo para pensar.

— Está bem. Você tem dois anos para pensar. Mas compareça ao encontro. E não se esqueça... Seu encontro com UZU é a única forma de parar de ouvir a voz em sua cabeça. Nós estaremos te aguardando. Vá ao Encontro.

E para nossa surpresa, Bend compareceu ao encontro. Haeel se apresentou primeiro.

— Que bom que o encontramos. Meu som original é Haeel. Lembra-se de mim? Estive com você quando era Arquimedes de Siracusa. Que bom encontrá-lo. Seja bem-vindo.

— Eu me lembro de Haeel. Então você está aqui também. Então é tudo verdade.

Disse indo em direção a Gerrol. Ela se adiantou a ele.

— Meu som original é Gerrol. E este é UZU.

Disse me apresentando a Bend.

— Finalmente nos encontramos. Tenho muita coisa a lhe explicar. Como tudo aconteceu. O meu erro e o seu erro.

A minha punição e a sua punição. E o que temos que fazer para cumprirmos nossa missão.

E assim BEND foi encontrado. Conseguimos encontrar o 4º Leal. No encontro definimos onde iríamos nascer e o dia e o local do próximo encontro. Onde há diferenças de evolução, pode haver um Leal atuando. Dividíamos as regiões de nascimento. Dessa vez, eu fiquei com os Maias. Iria investigar aquela civilização avançada.



## Capítulo 11



# OS MAIAS

Susan levantou-se e disse a todos.

- Vou pedir que preparem um lanche. Assim podemos continuar a ouvir UZU mais confortáveis.

Depois de lancharem, Igor prosseguiu.

Nasci no reino de Tykal em 195 ac. Recebi o nome de Yan. Era o 4 ° filho de um chefe de tribo. O Reino era comandado pelo Rei pelo Sacerdote e por três chefes de tribos. As Três Tribos compunham aquele Reino de quase um milhão de habitantes. Pela tradição e crença, o Sacerdote é quem orienta o Rei para governar. No Reino vigorava uma lei, que só compreendi depois do meu despertar: “Quando um filho homem completasse 7 anos e se tivesse tido convulsões e desmaio por 2 dias, deveria se apresentar ao Rei e aos 3 chefes de tribos da cidade.” Aguardavam o que eles chamavam de “A Chegada do Enviado”. Muitos meninos eram treinados para mentir e fingir as convulsões e desmaio por 2 dias. Só para tentar a sorte na resposta. O Rei e os 3 chefes de tribos formavam uma junta e faziam uma entrevista ao candidato a Sacerdote. Havia uma pergunta chave e uma resposta correta. Somente eles sabiam a resposta certa. Se o candidato respondesse corretamente seria considerado “O Enviado” e portanto seria o próximo Sacerdote. O aprendiz passaria a conviver com o Sacerdote até sua morte para então assumir o posto. Se o

sacerdote viver até completar 81 anos há a cerimônia da troca de sacerdotes. São dois rituais. A morte do sacerdote por uma lança em seu coração, que eles chamam de “A Libertação do Enviado”. E a consagração do novo sacerdote. Era muita coincidência. Eles esperavam alguém que tivesse tido convulsões e desmaio de 2 dias aos 7 anos. Alguém que tivesse passado pelo Despertar. Aquilo representava o Despertar de um Leal. Os Maias haviam descoberto o Despertar de um Leal. Precisava investigar melhor. Já haviam ocorridas 2 trocas de sacerdotes. E todas as trocas seguindo a mesma tradição. Então poderia haver mais de um Leal atuando por ali. Dias após o meu despertar fui levado por meu pai até a junta.

O Rei se dirigiu a mim me olhando fixamente nos olhos.

— Não há privilégios para você somente por ser filho de um chefe de tribo. Será tratado aqui como um qualquer. Você é o oitavo menino que entrevistamos. Muitos inventam histórias. Queremos as respostas certas. Vamos começar. O que aconteceu com você durante os dois dias de desmaio?

— Eu fui despertado.

— Despertado? Como?

— Uma voz. Uma voz me disse qual a minha missão.

— E qual é sua missão?

— Ajudar todos os vivos.

Todos se olharam espantados. Eu estava dando as respostas corretas até então.

— Qual é o seu som original?

— Não sou quem esperam.

— Qual é o seu som original? Responda

— UZU

— UZU? Isso é alguma brincadeira?

— Não. Eu sou UZU.

Todos olharam para meu pai com os semblantes inquisitórios

— Você contou para ele a palavra sagrada. Não contou?

O Rei estava visivelmente furioso

— Não. Nunca falei para ele essa palavra.

— E como ele sabe?

— Eu Não sei. Eu não contei.

Nesse momento tive que intervir.

— Ele não falou nada. Eu sei essa palavra pois é o meu som original.

— Fique calado menino. Seu pai não lhe ensinou direito. Seu som original deveria ser outro. Não pode ser UZU. Uzu é o Sagrado. E você não é o Enviado.

O rei chegou próximo à Habbadet, meu pai.

— Isso é imperdoável. Revelar o nome sagrado para seu filho. Para que ele seja o próximo Sacerdote. O nome sagrado não pode ser revelado. E você quebrou essa regra e envolveu o próprio filho. Os dois serão sacrificados.

E assim, meu pai e eu fomos mortos. Pagamos com a vida por eu não saber que eles consideravam UZU como um Sagrado. Dois anos depois retornei, dessa vez em uma família simples. Meu pai era soldado do governo e minha mãe vendia verduras. Após o despertar, fui chamado para a avaliação da junta, agora com um novo chefe de tribo, substituto de meu pai anterior, Habbadet. O Rei Eadrich se dirigiu a mim e explicou como seria a avaliação. Eu teria que responder perguntas.

— O que aconteceu com você durante os dois dias de desmaio?

— Eu fui despertado.

— Despertado? Como?

— Uma voz. Uma voz me disse meu som original e qual a minha missão. Ajudar a todos.

— Qual é o seu som original?

— Antes de falar meu som original, preciso esclarecer algumas coisas.

— O menino não está aqui para esclarecer nada. Somente responder perguntas.

— Após eu esclarecer todas as perguntas estarão respondidas. Eu não sou o Enviado que vocês esperam. Ele ainda virá. Não me olhem com esses olhares. Não me enxerguem uma criança. Mudem as suas visões. Eu sou UZU. Esse é o meu som original. Estive aqui a nove anos atrás mas vocês cometeram um erro e mataram meu pai e eu. Estou de volta, agora para esclarecer tudo.

— Você está dizendo que era o filho de Habbadet?

— Sim. E você deve se lembrar do que eu lhe disse antes de ser levado à morte: EU SOU UZU. EU VOLTAREI. E aqui estou para esclarecer algumas coisas. O Enviado deverá chegar em breve. Não se preocupem.

— Então UZU não é um Sagrado?

— Não. Eu sou um Espírito de 8º grau e tenho uma missão a cumprir em cada vida. Tenho que encontrar 10 Espíritos de 6º grau espalhados pelo mundo. Em 3mil e 800 anos, já encontrei 4. Tenho que verificar se o sacerdote pode ser um deles. Preciso falar com ele.

— Isso é impossível. São ordens dele não receber ninguém.

— Nem o próprio UZU?

— Você não é mais sagrado. Por que o procura, Uzu?

— Para explicações e orientações. Qual é o som original do Sacerdote? Ele tem um?

— Você deveria saber, já que o está procurando.

— Os 6 que procuro são: LUST, GIEL, RUMS, CAPUD, HOHOO E MARREL. É algum desses?

Os presentes trocaram olhares. O Rei decidiu.

— Vou falar com o Sacerdote. Ele decide o que fazer.

Depois de algum tempo fui conduzido até o Sacerdote. Na sala, somente nós dois. Ele começou a conversa.

— Você diz que seu som original é UZU. Explique.

— Eu sou UZU. E eu fico te chamando. A voz em sua cabeça.

— Está dizendo que a voz que ouço é um chamado? O seu chamado? Por quê esse chamado?

— Eu cometi um grande erro. Fui o primeiro Espírito a Interagir com a matéria. Quebrei a Lei Sagrada pelo meu livre arbítrio. E convenci 10 espíritos de 6º grau a fazerem o mesmo. Você estava entre eles. Convenci-os que era um caminho da Evolução. E vocês disseminaram a maneira de entrar e a experiência como o “novo caminho da evolução”. Se tornaram meus Leais. Espalharam a notícia E bilhares de espíritos entraram no ciclo terreno. E agora vão demorar para sair. Atrasamos a evolução de todos eles. Nossa punição conjunta foi de permanecermos no ciclo terreno, ajudando a evoluir os espíritos que aqui estão. Minha punição particular é encontrar e conseguir reunir os 10 Espíritos que foram leais a mim e pedir perdão. Sem isso, ninguém sai do ciclo terreno. E para dificultar minha busca, a punição para vocês 10 foi diferente. Foi apagado da memória dos 10 o erro cometido e quem é UZU. Foram condenados ao ciclo terreno de despertar e iniciar uma nova missão humanitária. Só permitiram o chamado de UZU.



— Por isso ouço desde o despertar.

— Você foi despertado aos 7 anos, lembrou-se de sua última encarnação e uma voz lhe falou seu nome original. Depois veio o chamado de UZU. Qual o seu nome original?

— Continue explicando.

— LUST... GIEL... RUMS... CAPUD... HOHOO... MARREL. É um desses?

— Meu som original é Marrel. E tem Lust também. Ele está fazendo um ciclo comigo. Estamos juntos desenvolvendo essa civilização.

— Como encontrou Lust?

— Foi Lust que me encontrou. Ficou sabendo que após meu desmaio de 2 dias, eu voltei inteligente. Mandou me chamar. Conversamos e nos revelamos. Lust queria dar um impulso nessa civilização e me pediu ajuda para o ciclo não se quebrar entre suas encarnações. Assim, decidi ajuda-lo. Lust, como sacerdote, implantou a regra do despertar aos 7 anos para o novo sacerdote. Assim somente confirmariam o som original esperado. E a senha da vez era LUST. Ele ficou de voltar para assumir o posto. Foi o combinado. Ele virá no próximo Enviado.

— Que bom encontrar dois Leais de uma vez.

— O que muda com isso?

— Ainda nada. Não terá mais o chamado de UZU e se lembrará sempre de toda a verdade. Do erro cometido, da punição e de nossa busca pelo outros. As missões humanitárias continuarão. Temos que nos encontrar sempre. Nesse encontro decidimos onde nascer e onde procurar os outros Leais.

— Está bem. Vamos aguardar a chegada de LUST.

Lust se apresentou para a junta 2 anos depois e imediatamente foi levado ao Sacerdote e a mim.

— Eu o estava aguardando. Que bom reencontrá-lo. Eu sou UZU.

E assim encontrei mais 2 Leais. Marrel e Lust atuando na civilização Maia. Mas ainda faltavam 4 Leais.

## Capítulo 12



DA VINCI

Igor retomou a palavra.

— Capud foi a próxima a ser encontrada. E graças a Leonardo da Vinci chegamos a ela. Capud nasceu em uma família humilde e recebeu o nome de Isabô. Era a quinta de oito filhos. Aos 5 anos de idade, Isabô foi picada por uma serpente venenosa e quase morreu. Conseguiu sobreviver, mas com uma sequela. Ficou cega. Aos 7 anos de idade teve o despertar, mas como iria fazer para cumprir sua missão? Seu irmão mais velho, Andrea del Verrocchio havia entrado para o mundo das artes e Capud viu ali uma oportunidade de cumprir sua missão através de seu irmão.

— Isabô. Você está deixando a imaginação tomar conta de sua realidade.

— Estou falando sério.

— Um espírito? Elevado, pelo que entendi. Que precisa cumprir uma missão e passar novos conhecimentos. E me escolheu para me passar esses conhecimentos novos para a arte. Isabô. Você está cega. Como vai me passar novos conhecimentos em arte? Arte é visual.

— Não. Arte é sensação. É visual, é tátil, é perfume, é som, são inúmeras as maneiras para se expressar a arte. Falta

avançar mais. A pintura precisa ter profundidades e luz. A ótica é a base da arte.

— Como? Como você pode ter esse pensamento sobre arte? Quem lhe ensinou isso, Isabô?

— Já falei sobre isso com você Andrea. Não vou ficar me repetindo. Acredita em mim agora?

— Um Espírito superior que entrou em minha irmã e que vai me ensinar coisas novas? Difícil de acreditar, Isabô.

— Mas é verdade. Só que isso deve permanecer em segredo. Tenho muito que ensinar. E mesmo cega, consigo desenhar se for preciso.

— Como? Consegue desenhar mesmo cega?

— Providencie o material. Vou lhe mostrar.

Andrea providenciou papel, penas e tintas. Capud desenhou o rosto humano e os olhos em detalhes.

— O desenho está compreensível?

— Está sim. Está perfeito. Até nos detalhes de veias e músculos dos olhos. Como é possível?

— Tato. Vou lhe explicar a importância da ótica, da visão. De como ela funciona e como pode ser explorada na arte.

Assim, CAPUD estava passando conhecimentos a Andrea del Verrocchio e ele começou a aplicar esses conhecimentos em seu ateliê. De todos os seus discípulos o único que se destacava dos demais e compreendia o que ele tentava passar era Leonardo da Vinci. Leonardo e Verrocchio logo se identificaram com as novas mudanças a serem introduzidas na arte. E fizeram muitos trabalhos juntos. Ficaram grandes amigos e Verrocchio percebeu que Da Vinci era melhor que ele na pintura. Da Vinci realmente entendeu o conceito de profundidade, detalhes, sombras e luz. Verrocchio foi falar com Isabô.

— Ele realmente é muito bom. Tem a mente aberta, tem visão apurada. Entendeu os conceitos tão bem que ultrapassou alguns.

— Que bom. O conhecimento está fluindo.

— Isabô. Ele é muito melhor que eu na pintura. Eu queria me dedicar mais à escultura. Ele poderia continuar essa parte da missão com a pintura.

— O que você quer? Dividir a missão?

— Sim. Não ando me sentindo bem ultimamente. E se acontecer algo comigo, quem irá dar continuidade ao trabalho? Ele é o mais indicado.

— Quer me apresentar a ele?

— Sim. Confio na inteligência dele.

— Está bem. O importante é lançarmos uma nova visão de arte e de mundo. Pode trazê-lo. Mas prepare-o antes. Talvez ele tenha dificuldade em acreditar em seres espirituais.

Assim, Andrea começou a preparação de Da Vinci.

— Leonardo. Você precisa adquirir o hábito de anotar tudo que pensa, suas ideias, suas observações. Anote tudo que achar que possa ser útil de alguma forma. Deixe registrado. Um dia pode precisar daquela informação. O que achou da técnica da luz no rosto do personagem?

— A técnica da luz que fez foi maravilhosa. Deu destaque, deu vida.

— Essa técnica não fui eu que desenvolvi.

— Não? Quem foi o gênio?

— Minha irmã. Isabô.

— A cega?

— Sim.

— Mas como?

— Ela foi descrevendo tudo que eu tinha que fazer para conseguir o resultado esperado. Foi fantástico. Ela descrevia minúcias do método. A preparação das tintas, o pó certo, gramaturas, a tonalidade por comparações.

— E como ela sabe essas coisas?

— Acredito que a perda da visão deve ter desenvolvido algo diferente nela. Não sei o que é. Ficou inteligente. Fala de qualquer assunto que você imaginar. Parece que sabe de tudo e sobre tudo.

— Ela te passou a técnica do sfumatto?

— Sim. Falei com ela que você emprega melhor a técnica que eu. Que seus resultados são bem superiores aos meus. E ela quer conhecê-lo.

Assim, Andrea levou Leonardo para conhecer Isabô. Ela estava sentada na sala de estar em uma poltrona com duas poltronas a



sua frente. Quando chegamos e fomos conduzidos até ela, que fez uma gesto com o braço e mão apontando as poltronas a sua frente.

— Por favor sentem-se. Então você é o artista que Andreas reconhece como um mestre da pintura. Sou Isabô. Não posso enxerga-lo, mas posso senti-lo. Seja bem-vindo.

— Eu sou Leonardo. Eu sinto pela sua cegueira. Uma jovem tão bela com esse penar.

— Não há penar na cegueira. O mundo é como o moldamos em nossa mente. Posso vê-lo como um paraíso ou um inferno.

— Um ponto de vista novo para mim. Andrea me falou algumas coisas a seu respeito, sobre suas ideias e visões sobre o mundo. Fui movido pela curiosidade a vir te conhecer para conversarmos um pouco.

— Que bom. A curiosidade é a base do conhecimento. Sobre o que gostaria de conversar? A importância das forças mecânicas nas artes? Ou constelações e astronomia. Clima. O tema que preferir.

— Qualquer tema?

— Qualquer tema. O universo é imenso e abriga muitos mistérios a serem desvendados. E tudo está relacionado de alguma forma.

— Podemos falar por exemplo, do corpo humano?

— Claro que sim. Uma máquina perfeita.

— Sabe como exatamente ele funciona? Sabe essa resposta?

— Sei. De que parte do corpo quer saber? Músculos, nervos, cartilagens, ossos, órgãos?

— Podemos falar só de músculos?

— Podemos. Faça anotações. Faça experiências. Vou orientá-lo nos desenhos.

— Isabô. O que você é? De onde veio todo esse conhecimento? Quem é você?

— Eu vivo para ajudar a todos. Essa é minha missão. Devido a cegueira, fiquei limitada em cumpri-la e vou precisar da ajuda de vocês.

E assim, Capud começou o contato com Leonardo Da Vinci. Leonardo e Verrocchio a visitavam uma vez por ano e Capud lhes passavam novos conhecimentos. Leonardo anotava tudo e muita

coisa colocava em prática. Leonardo estava com 38 anos e agora sem a influência de Verrocchio.

Eu nasci em 1483 em Florença. Recebi o nome de Albert de Credi, Filho do famoso pintor Lorenzo di Credi, que frequentava o ateliê de Verrocchio. Assim, após meu despertar, comecei minhas investigações e busca. Após a morte de Verrocchio, Leonardo manteve as visitas anuais e começou a mostrar conhecimentos acima do normal, em várias áreas do conhecimento. O que chamava a atenção era o conhecimento de um homem que pensava diferente do seu tempo. Convenci meu pai que eu precisava falar com Da Vinci. Queria muito conhecer suas pinturas, seu trabalho e principalmente, conversar com ele. Depois de muita insistência, meu pai me levou até ele.

— Aqui está ele, Leonardo. Um admirador de sua arte.

Alberto, meu filho.

— Tão jovem e já com interesse na arte.

— Podemos conversar a sós?

— A sós? Deve ser importante então. Lorenzo. Dê um pulo na oficina para ver meu último trabalho. Fico aqui com Alberto.

— Estou ansioso. Alberto, comporte-se.

Depois que meu pai saiu, Leonardo me olhou curioso

— Já podemos falar à vontade. O que quer Albert?

— Qual é o seu som original?

— Como é? Não entendi sua pergunta.

— Seu som original. Qual é?

— Som original? Não sei do que está falando.

— Você não foi despertado aos 7 anos de idade?

— Despertado? Do que está falando?

— Aconteceu alguma coisa com você quando tinha 7 anos de idade? Ficou desmaiado?

— Não. Não me aconteceu nada.

— O que está acontecendo? Que perguntas malucas são essas?

— Me desculpe. Não é você quem procuro. Procuro quem te passou todos esses conhecimentos.

— Meus conhecimentos. Quem me passou alguns princípios foi meu mestre Andrea de Verrocchio. Mas ele já morreu.

— Ninguém mais lhe passou conhecimentos? Além de Verrocchio?

— Foi ele que me ensinou muito do que sei. Mas quem é você? Porque essas perguntas estranhas?

— Eu perdi um encontro. Por 2 anos.

— Albert. Você fala por enigmas. O que está acontecendo?

— Eu procurava uma pessoa, que eu achava que era você. E agora que soube quem lhe passou essa maneira de pensar, foi tarde demais. Morreu há 2 anos atrás.

— Procurava alguém que não sabia quem era? Como alguém procura alguém assim? Era Verrocchio que você procurava?

— Podia ser. Está bem. Vou lhe explicar o que está acontecendo. Eu sou um espírito diferente. Eu tenho uma missão a cumprir na vida. Tenho que encontrar 10 espíritos que nascem e cumprem missões para desenvolvimento da humanidade. Tenho

que reuni-los e passar informações e instruções importantes. Já encontrei 6. Ainda faltam 4. E Andrea podia ser um deles. Eu o perdi.

— Eu lamento muito. Sinto não poder ajuda-lo. A propósito, sobre o som original. O que é?

— Som original é o nosso som individual. A forma sonora que representa quem você é. Conhecido como o primeiro nome. O original.

— Então você tem um som original. E qual é ele?

— Uzu

— Uzu?

— Sim. Uzu. Alguma vez Verrocchio pronunciou meu nome?

— Não. É a primeira vez que eu ouço. E o que vai fazer agora, Uzu?

— Verificar se era ele realmente. Vou pesquisar sua infância. Caso seja ele, vou verificar se deixou pistas de onde estará na próxima vida. Não será fácil.

Me despedi de Leonardo e voltei com meu pai para casa.

Vinte dias depois, Leonardo apareceu em casa querendo falar comigo.

— Uzu, me desculpe não ter falado antes. Estava sob uma promessa e não podia quebra-la. Mas quem você procura está viva e pronta para recebe-lo.

— Do que você está falando?

— Os conhecimentos, a princípio recebi de Verrocchio. Depois ele me contou que recebia de outra pessoa. Ele me apresentou a ela. E ela me ensina até hoje.

— Uma mulher?

— Sim. A irmã cega de Verrocchio. Isabô. Falei com ela. Ficamos sentados conversando. Ela me perguntou:

— O que Albert lhe disse?

— Ele me disse que busca 10 espíritos que cumprem missões humanitárias. Me perguntou sobre se eu havia sido despertado aos 7 anos, seu eu tinha ficado desmaiado por 2 dias e qual era meu som original.

— O que mais ele disse?

— Disse que tem que passar informações e orientações e que o som original dele era Uzu. Só Isso.

— Uzu? Você disse Uzu? É um menino?

— Sim. 7 anos e poucos meses.

— Então é isso...Uzu é alguém que me busca. Pela idade deve ter sido despertado recentemente. Uzu. Ele terá as respostas. Traga-o o mais rápido possível. Preciso me encontrar com ele.

Então fui com Leonardo até Isabô. Ela foi direta.

— Você é UZU?

— Sim. Meu som original é UZU.

— Uzu. Meu som original é CAPUD. Você estava me procurando?

— Sim. Capud. Que bom encontrá-la. Eu estou te procurando a milhares de anos. Tenho que lhe explicar muitas coisas que estão acontecendo com você e porque estão acontecendo.

Assim, encontrei CAPUD. E o próximo da lista foi Giell.



## Capítulo 13



## A MAÇÃ

## Igor continuava sua exposição dos fatos

— Giel foi o próximo Leal a ser encontrado. Cumprir missões humanitárias em meio a espíritos inferiores e ter que se passar por um deles era uma tarefa ingrata. Era necessário fazer adaptações linguísticas, ser compreensivo e se portar como um deles para que acreditassem em quem lhes passava novos conhecimentos. Muitas vezes, ter que demonstrar sentimentos que não possuía. Ter que mentir era o pior. Ter que viver como um ser humano normal e inteligente. Ser preso. Ser morto. Foi assim com todos.

Em 1682 eu nasci na Holanda, em Delft como Yohansen van Leeuwenhoek. Meu pai, Anton, era cientista e desenvolveu a microbiologia. Eu o orientava. Estava com 29 anos em 1711 quando o caso do cálculo de Isaac Newton causou uma disputa acirrada com Leibniz, chamou minha atenção:

Quem havia descoberto o cálculo? Newton ou Leibniz? Acusações de plágio de ambos os lados. Só que aquela descoberta para aquela época era muito avançada. Demonstrando um grau elevado de conhecimento de ambos. O Cálculo iria mudar a forma de pensar da humanidade. Poderia haver um Leal por trás do cálculo. Ou houve realmente um plágio de um dos dois. Ou os

dois pensaram iguais. Precisava investigar ambos. Comecei por Newton.

Meu pai escreveu uma carta para Newton me apresentando e solicitando uma entrevista. Newton aceitou me receber. Me recebeu em sua sala na diretoria onde haviam outras pessoas presentes.

— Obrigado por me receber senhor. Sou Yohansen.

— Filho de Anton. Seu pai é famoso por aqui.

— Eu sei. Ele se esforça muito. É merecedor da fama que tem.

— E em que posso ajudá-lo?

— Eu preciso falar com o senhor em particular.

— Sinto muito Yohansen, mas não vejo motivos para dispensar meus amigos.

— Queria falar com o senhor sobre alguns assuntos que acredito é somente de seu conhecimento e talvez queira manter assim.

— Como por exemplo?

— Despertar aos 7 anos, a voz, o som original.

— Não entendi. Não sei do que você está falando.

— Eu insisto. Podemos falar a sós. Será muito esclarecedor.

— Já que insiste tanto. Por favor me desculpem, mas atendendo a um insistente pedido, peço-lhes que nos deixem a sós por um momento apenas. Obrigado e me desculpem.

Depois que todos saíram,

— Mas o que quer me dizer?

— Qual é o seu som original?

— O quê? Som original? Do que está falando?

— Você ficou desmaiado por 2 dias aos 7 anos?

— Claro que não. Tive uma infância muito saudável. Por que está me fazendo essas perguntas? Já sei. Você veio orientado por Leibniz. Para me fazer essas perguntas malucas. Um espião dele. Nossa conversa está encerrada.

— Você está enganado. Não conheço Leibniz. Mas vou conhece-lo. Concluo que foi ele o autor do cálculo.

— Você é um idiota. O que está falando não é verdade. Jamais plagiei ninguém. Eu fiz os meus estudos, eu fiz os meus

cálculos. Eu cheguei na conclusão e nas fórmulas. Foi ele que me plagiou. Eu fiz primeiro.

— Mas você não poderia ter o conhecimento necessário para essa descoberta. Ou alguém lhe passou conhecimentos? Quem foi?

— Ninguém me passou nada. Mas, o que é isso? Quem é você, Yohansen?

— Um amigo.

— Não acredito e nossa conversa está encerrada. Não quero mais vê-lo. Por favor retire-se.

— Está bem. Mas acredito que ainda nos veremos, em breve.

Continuei minha investigação. Realmente Newton havia feito a descoberta sozinho. Eu vi as anotações. Então procurei pessoas que o conheceram ou conviveram com ele no período de 6 a 8 anos. Empregadas domésticas, vizinhos, escola, professores. E depois de várias visitas, cheguei a uma senhora de 80 anos, que foi vizinha da casa da avó de Newton. Ela se lembrou muito bem que o pequeno Newton havia ficado desacordado. Por dois dias depois do aniversário dele e depois voltou.

— Foi um corre-corre. Os médicos falavam que ele estava bem, apenas desacordado. Uns achavam que ele tinha morrido, outros que nunca mais ia acordar e outros que ele ia voltar a qualquer hora. Não podia falar para ninguém que o menino estava naquele estado. Senão, não iam dar conta de tantas visitas de curiosos. Dois dias de angústia e enfim o menino acordou. Era meia-noite quando ele acordou. Eu estava lá com a avó dele. Levantou e parecia que tinha dormido bem e acordado bem disposto. Falou que estava com fome e sede. Era um menino esperto e depois dessa parece que ficou mais esperto ainda.

Sai dali e fui direto procurar Newton mas ele não quis me receber.

— Infelizmente, senhor Yohansen, o Diretor se recusa a recebe-lo.

— Diga a ele que UZU precisa falar com ele. Que eu sou UZU e preciso falar sobre o despertar. Fale isso somente.

Tempos depois, Newton abre a porta de seu escritório. Fica parado com o braço estendido para eu entrar.

— Então você é UZU?

— Sim. Eu sou Uzu. A voz em sua cabeça.

— O que quer UZU? Eu tinha certeza que esse som na minha cabeça iria acabar nisso, em um encontro com alguém. Com você, é claro. UZU. Por quê me procura?

Me aproximei da mesa onde havia uma cesta de maçãs. Peguei uma e joguei para Newton pegar. Ele se assustou e deixou a maçã cair no chão.

— Você sabe me explicar o que aconteceu com a maçã desde o momento que saiu de minha mão até esse momento em que está no chão. Estou afirmando. Você sabe. Você sabe me explicar tudo que aconteceu com ela nesse intervalo de tempo. As velocidades envolvidas, as massas, os pesos, a curvatura, a força de atração, o Cálculo. Você sabe tudo isso. Não é verdade?

— Eu teria que fazer muitos cálculos, mas conseguiria explicar tudo que aconteceu com ela.

— Pode também explicar tudo que aconteceu ao redor da maçã.

— Ao redor da maçã? Você quer dizer no ambiente?

— Além. Muito além.

— No planeta? No universo?

— Sim.

— Não é impossível calcular. Só seria bem trabalhoso.

— Por quê mentiu para mim?

— Eu não sabia suas intenções com aquelas perguntas? Estava ganhando tempo. Queria estudá-lo primeiro. Saber quem era você. Descobri que é um homem muito inteligente e assessorou seu pai nas descobertas dele. Microbiologia. A Ciência agradece. E aquelas perguntas que me fez, me assustaram. Eu sabia que era questão de tempo para você voltar.

— Você é um dos Leais que procuro. Rums? Giell?

— Como sabe o meu som original?

— Qual dos dois é você?

— Giell.

— Que bom encontrá-lo, Giell. Você é o oitavo Leal que encontro. Tenho muito a lhe explicar. Depois de me ouvir, entenderá tudo que acontece com você.

— Vai me explicar tudo? O despertar, as missões, a lembrança da última encarnação, essa voz em minha cabeça?

— Sim.

— Está bem Uzu. Me explique.



— Você está sendo punido por um erro cometido e que foi induzido por mim.

— Do que você está falando? Seja mais claro. Que punição é essa?

— Nós cometemos um erro e nossa punição é cumprirmos missões no Plano Terreno.

— Mas que erro foi esse?

— Eu infringi a Lei Sagrada de não interagir com a matéria. Descobri como entrar no mundo material. Ensinei a 10 Espíritos de 6 ° grau e você era um deles. Vocês experimentaram e saíram divulgando para todos os espíritos, do 1° ao 5° grau, como um novo caminho da evolução para os espíritos inferiores. E bilhares acreditaram e se lançaram na matéria. Mas a verdade é que passar por esse Plano irá gerar um atraso na evolução. E com isso enganamos bilhares de espíritos e atrasamos suas evoluções.

— Está dizendo que somos responsáveis por todos esses seres que estão presos nesse Plano terreno? Não me lembro disso.

— Faz parte da punição não se lembrar do erro cometido, nem de mim, nem do meu nome. Somente deixaram o chamado de Uzu, para facilitar minha busca. Os 10 Leais estão presos em

um ciclo entre vidas, despertar, cumprir as missões humanitárias, morrer, nascer, despertar, cumprir missões e morrer. Só conseguirão sair desse ciclo e retornar ao ciclo natural da evolução quando eu os encontrar e reuni-los e pedir perdão.

— Você disse que sou o oitavo Leal a ser encontrado. Onde estão os outros?

— Cada um em um lugar, espalhados pelo mundo, cumprindo suas missões e buscando pistas de Leais, atentos a notícias. Marcamos um encontro com data e local. Combinamos onde vamos nascer e área de atuação. Ao mesmo tempo trocamos informações e notícias de evoluções se iniciando em algum lugar, em qualquer área do conhecimento humano. Qualquer pista que possa indicar um leal.

— E a voz? O Chamado de Uzu.

— Não ouvirá mais.

— O que vamos fazer agora?

— Você deve continuar sua missão até a data do encontro. Será no dia 29 maio de 1715 na Galeria Borghese, em Roma. Nesse encontro esperamos até 10 dias para que todos possam chegar. Não falte.

— Não faltarei.

— Caso algo lhe aconteça e o impeça de comparecer ao encontro, na próxima vida, escolha nascer em alguma família nobre ligada a ciências. Nós o procuraremos caso perca o encontro.

— E Leibniz?

— Contratei um profissional para pesquisar sua infância. Não houve despertar. Ele não é um Leal.

— Mas como ele chegou a pensar a mesma solução que eu?

— Ele recebeu conhecimento de alguém.

— Ou ele me plagiou.

— Não Giell. Não houve plágio. Ele tem as anotações dele. Ele teve o mesmo raciocínio seu. Alguém o orientou. Vou voltar a falar com ele.

## Capítulo 14



# A MENSAGEM

Igor fez uma pausa, E retomou.

— Tínhamos a pista de Hohoo. Mas não foi nada fácil encontrá-la.

Eu a encontrei 2 vezes. Na primeira vez, um irmão ganancioso atrapalhou nosso encontro. E quase 200 anos depois, finalmente Lust a encontrou. Tudo começou com um pedido de meu pai ao Imperador Carlos VI. O imperador solicitou a Leibniz que me recebesse. Minha visita era para esclarecer algumas dúvidas que cientistas holandeses tinham a respeito do Cálculo. Leibniz, contrariado, não queria me receber nem aceitar minha investigação. Mas me recebeu amistosamente.

— Pois pergunte.

— Você desenvolveu o Cálculo sozinho?

— Outros matemáticos me auxiliaram. Não Isaac Newton. O cálculo é meu. O Charlatão do Newton me plagiou

— Não houve plágio. Estive com Newton. Procuo quem lhe ensinou a pensar assim e obter esse conhecimento. Preciso muito encontrar essa pessoa.

- Você está insinuando que eu tenho um mentor que pensa por mim e que me repassa o conhecimento?

— Sim

—E você quer encontrá-lo

— Preciso muito encontrá-lo

— Em primeiro lugar o conhecimento que possuo é fruto meu de muito esforço e estudos. E em segundo lugar, não tenho a mínima idéia de quem você está falando.

— Eu tenho certeza que existe alguém.

E respeitosamente não acredito que você tinha todo o conhecimento necessário.

— O que quer Yohansen?

— Alguém o orientou no cálculo. Eu quero a verdade sobre seu mentor.

- A verdade? Você quer saber a verdade? Está bem. Vou lhe contar a verdade sobre ela.

— Hohoo. É ela

— Não. Chama-se Helena. Uma mulher diferente Helena de Postis. Me passou muitos conhecimentos. Mas faz alguns anos que não falo mais com ela. Não sei se ainda vive e nem onde está.

— Não tem mais contato com ela?

— É uma história complexa.

— Tenho todo o tempo para escutá-lo

— Na verdade eu não tenho mais dinheiro para poder contatá-la.

— Por que precisa de dinheiro para contatá-la?

— Para o irmão dela, Jakhes de Postis. É uma taxa que ele cobra para cada carta trocada com ela. Ela estava debilitada de saúde. Deve estar com 82 anos agora. Da última vez que a vi mal conseguia andar. Jakhes ficou responsável por cuidar dela. E só ele sabe onde ela está. Pode já ter morrido. Ele sabia que eu me consultava com Helena e que ela tinha conhecimentos de tudo. Um dia fui visita-la e ela já não estava mais na casa. Jakhes a havia levado para algum lugar e se recusou a me dizer onde. Depois apareceu em casa e se ofereceu para entregar uma carta para Helena. Ele levou a primeira carta e quinze dias depois voltou com uma carta dela. Ela dizia que estava sendo bem cuidada e que estava bem. Na segunda carta, Jakhes me cobrou uma taxa de 100 Florins. E depois não parou mais. Miserável. Aproveitou da situação para ganhar dinheiro.

— Explicou isso em uma carta a ela? Ela tomaria providências.

— Ele abria e lia nossas cartas. Não havia o que fazer.

— Onde encontro o senhor Jakhes?

— Ele mora em Marselha. É comerciante de seda. Tem um depósito no porto. Mas certamente ele não o deixará vê-la. É ganancioso. Irá lhe cobrar para entrevista-la por carta.

— Espero mesmo que ele faça isso. Ficará mais fácil encontrá-la assim.

Da Alemanha fui para a França. Marselha. Preparei uma carta simples com perguntas sobre Microbiologia. Inseri uma mensagem oculta e codificada, com um recado: "sob a luz tudo fica claro". Levei uma carta de apresentação de Leibniz. Consegui encontrar Jakhes em seu depósito. Me apresentei e entreguei a carta de Leibniz. Ele a leu com muito interesse:

*“Quero lhe apresentar o jovem cientista, Yohansen Van Leeuwenhoek. Um estudioso das microbiologias. Veio até mim com perguntas difíceis e eu não o pude ajudar. Então lembrei do senhor que possui um canal de comunicação com uma pessoa sábia. E ele ficou interessado e disposto a arcar com qualquer despesa necessária. Espero que o ajude.”*

— Leibniz lhe explicou como funciona? Os valores envolvidos?

— Estou ciente.

— Está ciente também que ela pode se recusar a responder?

— Sim. Também estou ciente

— Como um cientista, sabe que o conhecimento é muito valorizado. Não é verdade?

— Quanto?



— 500 Florins.

— Realmente muito caro. Mas vou arriscar.

Aqui está a carta e os 500 Florins pelo envio.

— Sabe que a resposta tem desconto? São só 250 Florins.

— Muita generosidade sua. Pagarei pela resposta.

— Encontre-me aqui em dez dias. E veremos se houve ou não houve resposta;

Dez dias depois retornei e Jakhes de Postis tinha uma carta de Helena. Entreguei o dinheiro, abri a carta e fiquei lendo. 2 páginas. Passei os olhos rapidamente pelas folhas.

— Obrigado senhor Jakhes.

— Haverá resposta sua? Alguma dúvida? Posso aguardar.

— Voltarei amanhã. Terei uma nova carta para enviar.

— Vejo então que valeu a pena.

— Pelas respostas parece que sim.

Sai dali e voltei à hospedaria onde estava hospedado. No quarto, peguei uma vela acesa.

—“Vamos ver o caminho da mensagem de Hohoo.”

Passei a chama da vela por baixo da carta, tendo o cuidado para não queimá-la. Os números apareceram na borda da folha:

2; 5; 15; 46; 87; 101; 122; 135; 167...

Comecei a montagem da mensagem. Hohoo havia escrito os números com suco de limão. Fica invisível no papel e quando passa-se fogo, os números se revelam. E esses números representavam letras de cada palavra da carta. Só tinha que encontrá-las no texto de acordo com seu número de posição.

Havia mandado em minha carta uma mensagem oculta, também escrita com suco de limão. Revelava meu som original e três perguntas: A confirmação do som original dela, onde ela estava e, caso não conseguisse encontrá-la, onde nasceria ou em que área atuaria. E as respostas vieram.

### **Hohoo san martine ciências**

“É Hohoo. San Martine. O que é San Martine? É onde ela está, mas onde é isso? Vou seguir Jakhes quando ele for levar a carta. Assim vou encontrá-la. Ele é bem esperto. Tenho que ficar atento.”

Disfarçado, segui Jakhes de Postis. Ele foi até Paris. Encontrou-se com um cientista francês, recebeu dinheiro e uma carta. Ele estava vendendo o conhecimento de Hohoo para outros cientistas. Continuei a segui-lo. Foi para Nice. Se dirigiu a zona rural até chegar a uma enorme casa de campo cercada de jardins.

Ao me aproximar, escondido pelos arbustos, eu a avistei sentada em uma mesa no jardim. Estava tomando chá com outra senhora. Mas ao me aproximar, Jakhes apareceu com outros dois homens.

— Senhor Yohansen, o que está fazendo aqui? Não é permitido.

— Eu preciso falar com ela.

— Não será possível. Retire-se da propriedade ou os seguranças irão retirá-lo à força.

— Uma pergunta somente. Uma única resposta e lhe pagarei por isso.

— Uma única pergunta?

— Pago 2 mil Florins. É o que eu tenho.

— 2 mil Florins por uma única pergunta e uma única resposta? É uma boa oferta.

— Após ouvir a resposta eu sairei

Paguei e nos aproximamos de Helena.

— Helena. Esse é o senhor Yohansen e ele deseja lhe fazer uma pergunta.

— Na próxima, onde você estará?

Ela me olhou nos olhos e deu um sorriso.

— Me procure nas ciências, UZU.

— Muito bem. Resposta dada. Agora por favor, retire-se.

Fui embora, mas consegui obter uma pista para encontrá-la. Estaria em ciências. Depois de sua morte, voltamos a procura-la por toda a Europa, mas não a encontramos. Continuamos a procura-la por todo mundo, sem sucesso.

Somente conseguimos encontrá-la em 1911, quando foi Marie Curie. Lust a encontrou. Havia feito a pesquisa e soube do despertar. Lust foi ao evento de entrega do prêmio Nobel.

O segundo prêmio Nobel de Marie Curie em 8 anos. Lust, era Jean Paul e foi apresentado à Madame Curie. Era a oportunidade que Lust precisava para confirmar se ela era um Leal.

— Madame. Quero parabeniza-la pelo prêmio. Sua contribuição irá revolucionar o meio científico e a vida de todos.

— Muito obrigado por suas palavras. Mas não fiz tudo sozinha. Meu marido me ajudou muito. Compartilho o sucesso com ele.

— Adoro geologia, principalmente minerais. Minha paixão atual é a pechblenda. Conhece?

— Sim, Conheço. Coincidentemente eu a estou estudando.

— Será que poderia me receber em seu laboratório na segunda-feira? Gostaria de trocar algumas informações sobre algumas descobertas que fiz.

— Claro senhor Jean. Será um prazer recebe-lo. Nos vemos na segunda então.

— Foi um prazer conhece-la. Passar bem e parabéns pelo prêmio.

Na segunda, já em seu laboratório, a sós, Lust não perdeu tempo. Em um momento que Marie ficou de costas para ele, Lust a chamou pelo som original.

— Hohoo!

Marie ficou parada e se virou rapidamente e ficou olhando para Lust.

— O que você disse? Não ouvi direito.

— Hohoo. Estou procurando Hohoo. É você?

— Quem afinal é você?

— Meu som original é Lust. Eu também fui despertado aos 7 anos e cumpro missões humanitárias. Assim como você.

— Então existem outros?

— Sim. Somos 10. Você precisa se encontrar com UZU.

— Uzu?

— Sim. A voz em sua cabeça. É um chamado dele.

— Há vinte e nove essa maldita voz me acompanha.

— Uzu a libertará da voz e lhe explicará tudo que aconteceu e acontece com você.

Assim, dois meses depois me encontrei com Hohoo. A nona Leal a ser encontrada. Agora só faltava Rums. E ninguém tinha ideia em que área ele poderia estar atuando. Até que, a 3 anos atrás, Capud encontrou uma pista valiosa. Uma carta de Rums para Rums, na Grécia.

## Capítulo FINAL



RUMS

Em 2012 surgiu uma pista. Capud estava morando na Espanha. Ficou sabendo de uma exposição de documentos em uma galeria em Copenhague. Entre os objetos da exposição uma carta muito curiosa atribuída à Nikola Tesla e a palavra RUMS. Capud foi para a Dinamarca e em Copenhague se dirigiu à galeria. Encontrou a carta exposta em uma vitrine. Duas páginas. Ficou lendo.

*Meu caro RUMS.*

*Por onde você andará nesse momento?*

*O que já está fazendo?*

*Está implantando ensinamentos com bons resultados?*

*Só quero te lembrar algumas coisas que precisam melhorar:*

*Quando Antoine Lavoisier morreu com 51 anos de idade era muito cedo e a missão foi interrompida por pura idiotice dos humanos da época, mas também porque tomou decisões erradas de escolha de lado e falou demais.*

*No final ganhou guilhotina. Atrapalhou a missão.*

*E como Nikola Tesla, o desempenho também não foi tão bem*



*como havia planejado. Mais uma vez, acho que o nível dos humanos não acompanhou. Deve estar atento a que lado ficará nessa vida. É preciso fazer mais teatro.*

*Mas deve procurar saber a medida certa das expressões de emoções, como da raiva, do sorriso, da seriedade, do espanto e outras reações, de acordo com a situação.*

*Sei que é difícil dosar. Procure aprender.*

*Acho que desta vez eu estava muito rabugento, sem paciência e desatento. Melhore isso.*

## **RUMS**

Enquanto Capud lia a carta, um senhor se aproximou e deu uma rápida olhada na carta.

— História interessante. Você entendeu?

— Não muito.

— Sou Alex Kadsaros. Sou professor de história na Universidade de Atenas. Estou participando da exposição. Essa carta é uma das peças que eu trouxe para a exposição.

— Muito prazer, sou Maritsa Belmont. Também sou professora, de Física. Em Madri. E a citação de Tesla nessa carta me chamou a atenção.

— É uma carta enigmática. Tem algo a mais. Não acha?

— O que você entendeu da carta? O que ela diz?

— Eu acredito que é uma troca de informações entre eles, que só eles entendem.

— Onde encontraram essa carta?

— Em uma demolição de uma casa velha. Encontraram uma pequena caixa metálica bem antiga, com uma marca NT e uma carta dentro. A história fica mais interessante quando se descobre que ali morou uma antiga senhora, arrumadeira que trabalhava no New Yorker Hotel quando Nikola Tesla morreu. Ela o encontrou morto e foi ela que desfez depois o quarto onde Tesla morava.

— Não entendi a relação.

— A carta foi escrita por Tesla. Já foi comprovado. E o NT da caixa não deixa dúvidas. Nikola Tesla. Ela deve ter pego a caixa com a carta e guardado em sua casa. Na demolição a caixa e a carta ficaram com um pedreiro, que a trocou por duas doses

com um comerciante, que fez as comparações de caligrafia. A letra era de Tesla. Não há dúvidas. Vendeu a carta para um colecionador de antiguidades. E agora está aqui, nessa galeria e bem na nossa frente.

— É uma peça valiosa, misteriosa e curiosa. Uma carta de Rums para Rums.

— Você se interessou pela história da carta?

— Admiro muito Nikola Tesla. Foi um gênio, um iluminado que deixou um grande legado para a humanidade. Acho que há uma ligação entre eles.

— Eles?

— Lavoisier, Tesla e Rums.

— Não, não. Acredito que eram amigos com apelidos iguais ou Rums pode ser uma sigla de algo que se chamavam. Talvez seja uma carta que um deixou ao outro para ser entregue após a morte.

— Quero entender o significado do conteúdo.

— É muito difícil. É uma pessoa falando com outra. Claramente há recados de um para o outro. E tem essas citações como se fossem personagens de uma história inventada por Tesla.

Cita até Antoine Lavoisier. Para mim é uma codificação. Se há uma mensagem disfarçada ali, só o destinatário poderia entender.

— E se ele mandou uma carta para ele mesmo, no futuro? E se RUMS é um nome de alguém que já foi Lavoisier e Tesla? E deixou esses conselhos para o próximo RUMS? Tente ler a carta com esse foco.

— Uma carta que um tal de Rums havia deixado para ele mesmo no futuro? Para seu próximo personagem? Se posso assim dizer. Difícil de acreditar. Ainda acho que não.

— Para mim, Rums é um ser diferente, um espírito missionário, que deixou um recado para ele mesmo, na próxima volta dele. Ele diz que foi Lavoisier e Tesla. Foi o que entendi.

— Segundo seu ponto de vista, ele estaria passando informações e conselhos para ele mesmo se corrigir? Se aperfeiçoando?

— É um ser imortal, que está se transformando aos poucos, em um ser perfeito.

— Então ele fica no ciclo de renascimentos e trocando mensagens com ele mesmo?

— É o que parece. É o que eu acredito.

— Cuidado com o pensar. Oferecer ao público a hipótese que Rums é um Ser Espiritual e que está cumprindo missões no planeta, as igrejas, as religiões atacariam você. Considerariam heresia.

— Ou poderiam aproveitar e aparecer novos santificados. Mas você tem razão. Melhor o silêncio.

Então Capud resolveu avançar mais no assunto com o professor.

— Mas algo ainda me intriga. O destinatário recebeu a carta? Será que ele a leu?

— É a primeira vez que vem a público. Esteve o tempo todo guardada a 7 chaves pelo proprietário. Um colecionador milionário. A exposição começou hoje. E vai até quinta-feira que vem. Pode ser que ele apareça e leia. Como vai saber?

— Se eu estiver certa, não gostaria de saber quem é a pessoa?

— Sim, mas...

— Eu sei como saber. Mas vou precisar de sua ajuda.

— Está bem. Me deixou curioso.

Capud montou uma estante ao lado da exposição da carta e conversava com o público o que cada um achou da carta. Nesse

rápido bate-papo indagava se era Rums ou se conhecia UZU. Nada. A Exposição terminou e Capud não conseguiu identificar Rums. Se encontrou com Alex Kadsaros.

— Rums irá ficar sem saber o conteúdo da carta.

— Por que isso é tão importante? É só uma mensagem que chegou ou não chegou. Não sabemos.

— Não professor. É muito mais que isso. Eu tinha a esperança de encontrá-lo.

— E para que quer encontrá-lo? Desculpe se estou sendo indiscreto.

— Está desculpado. Mas prefiro não tocar nesse assunto.

Capud saiu dali frustrada.

Despediu do professor e voltou à Inglaterra. 2 dias depois, se encontrou comigo e detalhou seu encontro com o professor e a exposição. E eu a orientei.

— Capud. Acho que você mexeu com o professor Kadsaros. Claramente ele fez uma certa oposição à interpretação da carta. Ele se interessou pelo encontro ao perguntar por que o procurava. Investigue a infância dele. Procure o despertar.

— Pensei também em investigar o dono da carta. Por que ele tem a carta? Tem qual valor para ele? Só uma questão de ego de colecionador? Ou lucro financeiro? Ou alguma ligação com a carta?

— Ótimo. Estou indo para a Polônia ver uma pessoa que Giel suspeita ser Rums. Volto em 10 dias. Me mantenha informado.

Capud partiu de volta a Atenas. Ficou uns 10 dias investigando a infância do professor Alex Kadsaros. Não encontrou o que procurava. Não havia ocorrido o despertar. Testemunhas atestaram que ele não teve nada aos 7 anos. Ele não era um Leal. Enquanto isso, Alex Kadsaros foi até a mansão do professor Lucius Papapoulos para agradecer e devolver a carta que gentilmente ele havia cedido para a exposição.

— Somos muitos gratos por sua gentileza professor. A Carta está intacta.

— Foi um prazer Professor. Minha pequena contribuição para a biografia de Tesla. Precisamos honrar o nome de Tesla. Foi somente por isso que concordei.

— Já que falou em Tesla, essa carta chamou muita atenção de uma professora de física, da Espanha.

— Uma professora de física?

— Sim. É fã de Tesla. Montou uma mesa de pesquisa ao lado do expositor da carta. Ficou toda a exposição lá. Entrevistou todo mundo que leu a carta. Estava tentando encontrar RUMS. Ficou frustrada e voltou para a Inglaterra. Leu a carta e concluiu que Rums foi Lavoisier, Tesla e que deve estar por aí agora. Ela quer encontrá-lo.

— É um ponto de vista interessante. Gostaria de saber como ela chegou à essa conclusão. Poderia convidá-la, Alex? Gostaria de conhece-la e discutir a carta com ela.

Capud, após as pesquisas, aproveitou a estadia e foi se encontrar com o Professor Alex na Universidade. Capud ia buscar informações do proprietário da carta. Mas quando Capud ia perguntar, foi surpreendida pela inversão de situação.

— Professor, se não se importa, gostaria de tirar algumas dúvidas com o senhor, a respeito da carta.



— Minha cara Senhorita Belmont. Que bom que retornou. Era justamente sobre a carta que o Professor Lucius Papapoulos gostaria de conversar com você. Ele quer conhece-la.

— E quem é esse Professor Papapoulos?

— O colecionador milionário que lhe falei. O dono da carta. Conteí a ele sobre sua interpretação da carta e ele ficou curioso em conhece-la. Pediu que a contatasse e lhe convidasse para um encontro.

— Que grata coincidência. Também gostaria muito de conhecê-lo. Me fale um pouco dele. O que ele faz? Um professor milionário? Como ele é?

— Um pesquisador incansável. Desvendou muitos fatos históricos e possui facilidade em qualquer idioma. E a fortuna é herança de família. Vive muito bem, porém isolado. Difícil receber visitas.

— Então vamos conhecer o Professor Lucius. E ver o que descubro sobre o conteúdo da carta.

Chegando na enorme mansão, Lucius apareceu na sala e se apresentou.

— Lucius Papapoulos. É um prazer conhece-la, senhorita Belmont.

— O prazer é meu.

— Soube por Alex que você se interessou muito pela carta de Tesla.

— Sim. Ficaram algumas dúvidas ainda. Imagino que se você adquiriu a carta deve compreender seu conteúdo.

— Eu tenho a minha interpretação. O que quer saber?

— Bem, se RUMS não recebeu a mensagem, não vai melhorar em alguns aspectos. Depois provavelmente ele deve consertar isso. Agora, se ele recebeu, como ele vai fazer para controlar intensidade de sentimentos? Isso é orgânico. Vai acabar se contaminando na matéria.

—Ele sabe o que está fazendo. Não vai se infiltrar na matéria.

— E como você sabe o que ele está fazendo?

Depois dessa frase um silêncio reinou no ambiente. Capud olhou para o professor.

— Você sabe... É você. Rums. Você teve o despertar aos 7 anos?

— Sim. 2 dias desmaiado.

— Você foi Lavoisier, Tesla e agora Papapoulos. Ainda bem que o encontrei.

— Quero entender primeiro sua busca. Quem é você e por que me procura?

— O meu som original é Capud. Sou missionária também. Assim como você. Somos 10 nessa condição.

— A que condição se refere?

— Você não sabe de nada do que aconteceu e nem porque você está nesse ciclo cumprindo missões humanitárias. Não é verdade?

— O que quer dizer com isso?

— Nós fomos condenados a ficar nesse ciclo até UZU encontrar os 10 Leais. Você é o último. Interrompemos a evolução de bilhões de espíritos do 1º ao 5º grau. Nós os colocamos no planeta. Somos responsáveis pelo ciclo terreno.

— Responsáveis por eles estarem no ciclo terreno?

— Não totalmente. Todos que entraram no plano terreno também são responsáveis. Usaram seu livre arbítrio.

Também estão sendo punidos com o atraso em suas evoluções.

— Mas que punição é essa? O que eu fiz que não sei?

— Somente Uzu pode lhe dizer sobre o erro. Você precisa encontrá-lo.

— Essa voz na minha cabeça. É um chamado dele?

— Sim.

— Uzu precisa reunir os 10 Leais e pedir perdão a cada um de nós. Só assim a punição se encerra. Você é muito valioso para todos nós. Dependemos de você para encerrar esse ciclo. Você tem que encontrá-lo.

— Está bem. Capud. Vou me encontrar com UZU. Aguardo ele aqui. Avise-o. Que venha só. Não traga nenhum Leal com ele.

— Mas e o encontro? Esperamos milhares de anos por isso.

— Depois que conversar com Uzu. Ele tem que me explicar algumas coisas antes.

— Aguarde um momento. Vou ligar e chamá-lo.

Capud me ligou no celular. Deixei a Polônia e fui para a Grécia imediatamente conversar com Rums. 2 dias depois o Encontro. Rums me recebeu. Depois que expliquei sobre o erro, o julgamento, a punição, Rums me perguntou se o encontro encerraria a punição de todos.

— Sim. A punição finalmente se encerra.

— O perdão à você também encerraria as missões humanitárias?

— Sim. Já cumprimos nossa missão.

— Eu discordo. Entendo que minha missão ainda não está cumprida. Os encarnados ainda precisam muito de nós, para orientá-los a não se perderem.

— O que quer dizer?

— Sinto muito, mas não posso participar do encontro do perdão.

— Com essa atitude você vai obrigar os Leais a cumprirem missões até quando? Até libertar todos os encarnados?

— Sim. É o que acho correto.

— Sabe que isso atrasará as evoluções dos outros Leais e a minha. E a sua também.

— Eu sei.

— Rums, essa medida foi definida pelos Luzados. Foi a parte que nos cabe, trazer eles até aqui. Até onde se encontram em seu nível de evolução. Já sabem pensar, sabem como construir um mundo melhor para todos. Sabem como evoluir.

— A ganância está aumentando.

— Mas a ganância pela matéria que os contaminou, não é nossa culpa. Já ensinamos o caminho. Cada espírito que entrou para o mundo material sabia que estava quebrando a Lei sagrada de não interagir com a matéria. Eles também devem pagar pelo erro. Eles também tem culpa e estão sendo punidos também.

— Punidos sem saber que estão sendo punidos e atrasando suas evoluções. Eles precisam de ajuda, UZU. Abandoná-los agora é temeroso. Eles vão permanecer aqui por muito tempo. Poucos estão evoluindo e se desligando da matéria. Estamos recuperando poucos.

— Não vamos abandoná-los. Mesmo no Plano natural de evolução, manteremos sintonia com eles. Só não estaremos mais aqui, mas intuiremos os escolhidos.

— Somente intuir alguns não será suficiente. Precisamos estar presentes para darmos saltos na evolução deles. Intuição é

pouco. Compreendo sua posição UZU, mas gostaria que pensasse também na minha. A nossa culpa é imensa.

Nós os jogamos aqui. E nós temos que tirá-los daqui. Não só intuir os escolhidos, mas também participar.

— Eles conseguirão sair. Os Luzados projetaram assim.

— Os Luzados foram misericordiosos conosco. Uma punição de procurar pessoas? Um jogo de achar? E ainda facilitaram o jogo para todos. Nos colocou aquele incômodo chamado.

— Mas apagaram suas memórias, do erro e de mim. Dificultaram um pouco também. Mas, depois de suas palavras, compreendo sua razão. E acredito que podemos chegar a um acordo se você e os outros Leais concordarem também.

— E qual é sua proposta?

— Manteremos uma escala de encarnações e também as intuições em escolhidos. Você concordaria?

— Se a escala for, no mínimo, dois Leais encarnados por vez, eu concordaria.

— Vou levar a proposta aos demais Leais.

Todos os nove Leais apoiaram a proposta. Marcamos nosso encontro final em Roma. Data e local marcados, fui para Roma. Posei em Nápoles. 3 horas de viagem de carro. Finalmente iria acontecer o encontro. Mas, estava correndo muito para chegar o mais rápido possível e após uma curva, a árvore apareceu caída na pista e não deu tempo de frear. Batida e morte. Perdi o encontro. Haeel preparou rapidamente meu retorno. Família escolhida. Tudo certo. Infelizmente o corpo nasceu com problemas e não sobrevivi. E na última tentativa, eu agora, Igor.

### Igor voltou-se para Susan e Hoggins

— Agradeço imensamente a vocês, por terem cuidado de mim até agora. Vou continuar com vocês. Espero que tenham entendido tudo.

### E voltou-se agora para os 10 Leais.

— E hoje, finalmente conseguimos. Acabou-se uma parte da punição. Voltaremos à nossa evolução natural, mas ficou uma obrigação a cumprir. Temos que tirá-los daqui e para isso estaremos sempre por aqui. Intuindo escolhidos ou encarnando como gênios. Temos essa missão a cumprir.



E assim, Igor ou Uzu, os 10 Leais e o casal Hoggins permaneceram na mansão por quase um mês, trocando histórias de suas vidas vividas, histórias engraçadas, fantásticas, de sofrimentos e muitas outras.

**FIM**

Conheça também UZU em formato bookmidia.

Acesse: <https://www.bookmidia.com.br>